



PUC

AÍDA MARIA SOARES MIRANDA DE CARVALHO

AVIVÊNCIA FEMININA DA SEPARAÇÃO CONJUGAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rio de Janeiro, agosto de 1996.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 - CEP 22453-900

RIO DE JANEIRO - BRASIL

N.Cham. 150 C331v TESE UC

Título A vivência feminina da separação conjugal



Ex.2 PUCB

0097589

AÍDA MARIA SOARES DE MIRANDA CARVALHO

A VIVÊNCIA FEMININA DA SEPARAÇÃO CONJUGAL

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica.

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, julho de 1996

B-04589000-9



97589

150

e331r

TESE ue

AGRADECIMENTOS

À Terezinha Féres-Carneiro, pelo apoio na orientação desta dissertação.

Aos Professores e Funcionários da PUC-RJ, que possibilitaram a realização do trabalho.

À CAPES, pelo incentivo financeiro.

As mulheres que participaram como sujeitos na pesquisa, pela disponibilidade com que acolheram a minha necessidade de escutá-las.

A meu marido e aos meus filhos, pela força nas horas mais difíceis.

RESUMO

O casamento sofreu mudanças significativas, ao longo do tempo, que implicaram em transformações na estrutura familiar. Para a mulher, em cada etapa, foi determinado um lugar a ser assumido, fazendo com que ela tenha ocupado variadas posições no sistema familiar e no contexto histórico-social. A mulher atual administra conflitos, decorrentes dessas mudanças, através da vivência de uma emancipação crescente, que provoca dicotomias entre as necessidades e os anseios pessoais, e a pressão oposta para se adequar aos padrões do mundo externo. No casamento contemporâneo, a separação mostra-se como alternativa, dentro do universo feminino, cada vez com mais frequência, denotando a tendência das mulheres a optarem pela resolução de situações que acarretem insatisfação, arcando com as conseqüências. Sendo assim, essa dissertação procura focalizar a vivência do processo de separação conjugal através da ótica feminina. Para alcançar este objetivo, foi feita uma pesquisa de campo, com mulheres separadas, da classe média carioca.

ABSTRACT

The marriage institution suffered several changes, through time, that implied in modifications on the family structure itself. For the woman, in each step, a position to be taken was determined, causing her to occupy varied positions on the family system, as well as in the historical social context. The woman of today manages conflicts caused by these changes, through experiencing a growing emancipation that provokes a split between personal needs and desires, and the opposite pressure of conforming to external world patterns. In contemporary marriage, separation appears as an increasing frequent within alternative the female universe, showing the woman's tendency to opt for the solution of unsatisfactory situations, while facing the consequences. Therefore, this dissertation attempts to throw light on the separation process experience, from the woman's point of view. To accomplish this, a series of interviews and field research was performed with middle-class separated women from Rio de Janeiro.

Palavras Chaves

Casamento

Subjetividade Feminina

Escolha de Parceiro

Relação Conjugal

Separação Conjugal

SUMÁRIO

	pág.
1. INTRODUÇÃO	1
2. SUBJETIVIDADE FEMININA	8
3. A ESCOLHA DO PARCEIRO E A RELAÇÃO CONJUGAL	19
4. A MULHER NA SEPARAÇÃO CONJUGAL	32
5. MÉTODO	45
5.1 - Sujeitos da Pesquisa	48
5.2 - Procedimentos	48
5.3 - Resultados	51
5.4 - Análise dos Resultados	62
6. CONCLUSÕES	94
BIBLIOGRAFIA	103
ANEXOS	110

1. INTRODUÇÃO

Partimos do trabalho desenvolvido no Serviço de Ginecologia da 28ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e da clínica particular, para refletirmos e levantarmos questões a respeito da mulher.

Na escuta clínica, começamos a observar algumas mudanças no discurso das mulheres em relação à sua vida conjugal e à sua postura frente à insatisfação com o casamento e à decisão de lhe dar fim. Não somente o conteúdo do discurso nos chamou a atenção, como também a frequência com que este tema aparece, atualmente, na clínica psicoterápica de mulheres. Esse fato levou-nos a concentrar nosso estudo na experiência feminina da separação conjugal

Embora nosso interesse nos remeta a focalizar o casamento contemporâneo em crise, não é proposta deste trabalho desenvolver esse tema. Não analisaremos as razões pelas quais se verifica o aumento do número de casamentos dissolvidos na segunda metade do século XX, como se constata através da literatura que aborda o tema. Deter-nos-emos na dinâmica emocional feminina nessa situação.

Para aprofundarmos o estudo, abordaremos a família, como agenciadora da construção da subjetividade e como possibilitadora da socialização de seus membros. Segundo Garcia (1991), a família é um campo privilegiado para os que pretendem estudar as estruturas psíquicas e sua relação com as instituições sociais.

Neste sentido, Gilberto Velho (1987) afirma que a subjetividade será constituída, elaborada ou desenvolvida em função de certos agenciamentos, mediante determinadas instituições, e o autor também ressalta a família como instituição fundamental no processo de socialização da subjetividade.

Verifica-se, através da História, que a família sofreu inúmeras transformações na sua estrutura, e a mulher, conseqüentemente, ocupou variadas posições dentro do sistema familiar. É necessário inserir essas mudanças num contexto que determinará o lugar assumido pela mulher em cada etapa histórica social, influenciando a vivência de suas experiências. No entanto, nosso estudo não pretende analisar questões socioculturais nem aprofundá-las. Basear-nos-emos no casamento com o intuito de melhor compreender e articular a experiência feminina e seu lugar na família, a partir da realidade social outrora existente e da realidade vivida por ela nos dias de hoje.

Ocorreram significativas mudanças, principalmente nas últimas três décadas, no Brasil. Nicolaci-da-Costa (1989) afirma que foi especialmente a partir da década de 60 que começaram a surgir questionamentos referentes às exigências sociais feitas às mulheres. Começou-se, mais intensamente, a discutir sobre a virgindade feminina como requisito para o casamento, sobre a segregação de papéis conjugais com a mulher no mercado de trabalho, sobre a questão do código moral assimétrico, pelo qual a conduta masculina era preservada de reprovações, enquanto a

feminina não era legitimada, sobre a religião e, também, sobre a reprodução obrigatória com o casamento.

E, como continuidade dos conturbados anos 60, a mesma autora acrescenta que, nos anos 70, presenciou-se um outro tipo de administração da vida conjugal, tornando esta década a do *boom* das separações, que acabou culminando na legalização do divórcio.

Verifica-se, entretanto, que as mulheres, inseridas neste movimento, ainda têm vivido conflitos gerados pela dicotomia entre as necessidades derivadas de desejos internos e anseios pessoais e a pressão oposta para se adequar às necessidades do mundo exterior. São problemas, como aponta Jablonski (1991), decorrentes da vivência de uma emancipação que, se por um lado representa um crescimento, por outro gera sentimentos ambivalentes. Os ganhos com a independência e o reconhecimento ficam atrelados à culpa pela negligência com a família e com as obrigações do lar.

Socialmente, a postura mais liberada que as mulheres estão assumindo tende a ser vista como um dos fatores desencadeadores da crise no casamento. Esse fato concorre para que as culpas apareçam, no momento em que elas precisam fazer opções, de acordo com o desejo de separação. Contudo, as mulheres apresentam grandes transformações em seus ideais de casamento e surgem com uma maior liberdade para tomar decisões no sistema familiar, assumindo de maneira mais explícita os ônus que possam advir de suas resoluções.

De acordo com a teoria freudiana, a passividade, constituinte da feminilidade, define a mulher, mas não a esgota enquanto sujeito. Nota-se que, sem perder a sua condição feminina, a mulher atual tem vencido obstáculos e conquistado espaços avidamente, pois vem administrando os conflitos internos e exercendo seu papel no social, enquanto profissional, mãe e cidadã.

O objetivo de nosso estudo é, portanto, através do aprofundamento sobre as particularidades próprias da feminilidade, do relacionamento conjugal e do papel da família, melhor compreender o universo da mulher que vive o conflito da separação conjugal.

✕ Para a psicanálise, a subjetividade feminina é muito peculiar e, segundo Freud (1931), a menina, para tornar-se mulher, encontra algumas dificuldades. Uma delas seria, na fase edipiana, empreender a troca de seu objeto original - a mãe - pelo pai, para posteriormente buscar um parceiro. Ele observa que uma ligação intensa com o pai é antecedida por outra, também intensa, com a mãe. Para o autor, a melhor forma de entender as mulheres é através da valorização de sua fase pré-edipiana. No pensamento freudiano, a relação com o pai é uma extensão do tipo de relação estabelecida com a mãe e a relação com o marido pode manter as mesmas características. ✕

✕ Baseando-nos nestas postulações, levantamos a hipótese de que, de acordo como forem vividas estas primeiras relações, a mulher vai viver uma relação conjugal específica e, conseqüentemente, experimentar o fim do casamento de

diferentes formas. Portanto, relacionando-se conjugalmente, ela experimenta o encontro com um outro, enquanto substituto, e, como sinaliza Eiguer (1985), a escolha do parceiro atualiza o seu Édipo.

✕ Pode-se salientar que a forma mais efetiva de encontro com o outro é na conjugalidade e na constituição da família. O casamento é uma experiência onde novos papéis são assumidos no contexto social; no entanto, por tudo que se verificou através do presente estudo, paradoxalmente, a novidade deste fato implica, inconscientemente, num retorno ao passado. A mulher se enriquece com o parceiro, mas ao mesmo tempo reexperimenta a dependência, o ciúme, a inveja e a voracidade, características das fases pré-edipiana e edipiana, e no convívio íntimo conjugal repete situações anteriormente vividas e conscientemente lembradas.

✕ A separação conjugal, como momento de crise, de perdas e renascimento, também conduz o sujeito à revivência. Neste processo é revivida uma série de separações experimentadas ao longo da vida: o nascimento, o desmame e a progressiva diferenciação entre o eu e o não eu, que se dá através da separação do primeiro objeto, que é a mãe. No caso da menina, ainda haverá a separação do pai para poder buscar um companheiro, como resolução do seu Édipo.

✕ Pode-se inferir, a partir daí, que, na vida, cada momento de transição que é experimentado faz reviver marcas antigas de perdas anteriores e, conseqüentemente, a separação conjugal, através da vivência dos aspectos mencionados acima, pode

trazer sentimentos de regressão, insegurança e abandono, uma vez que reedita, em última instância, a castração.

Vale a pena salientar que, num enfoque psicanalítico, é na presença da falta que se pode desejar e que se vai dar a estruturação do sujeito psíquico. Segundo Eiguer (1985), este processo reatualiza os antigos conflitos, desvenda os equilíbrios precários, desperta emoções e angústias, implica em um luto pelo antigo modo de vida, provoca modificação das regras, a partir de então inadaptadas, e permite a definição de novas perspectivas. É uma etapa de "re-visão" e "re-construção", que acarreta angústia frente ao futuro, por estar ligada a sentimentos passados, mas que, por estas mesmas razões, permite o crescimento e o amadurecimento emocional.

Sistematizar, objetivamente, sobre as motivações inconscientes para a atração amorosa, a manutenção ou o rompimento da conjugalidade, principalmente na ótica feminina, torna-se uma difícil tarefa, na medida em que tanto a mulher quanto o amor vão possuir, necessariamente, um grau de indefinição, não permitindo um mínimo de rigidez ou inflexibilidade.

O sujeito, como autor de sua própria história, coloca o psicólogo como observador, a partir de seus referenciais teóricos, mas portador de uma disponibilidade ímpar para acercar-se de discursos codificados e extremamente diversos, que se lhe apresentam.

Neste sentido, foram investigadas algumas mulheres que viveram a experiência da separação no contexto atual, através de entrevistas, a partir de um roteiro previamente elaborado. O conteúdo das entrevistas foi interpretado utilizando a técnica de análise de discurso.

2. SUBJETIVIDADE FEMININA

Para a psicanálise, a feminilidade é um vir-a-ser.

A constituição da subjetividade feminina foge ao alcance da anatomia, sendo importante a organização psíquica, que se vai dar através da sexualidade. A função sexual será o efeito de uma erogeneidade do corpo biológico, mediante uma organização peculiar da libido.

Pela dificuldade de definir o que seja masculino ou feminino, já que não é da anatomia que se trata, Freud faz uma vinculação desses termos com atividade e passividade, sem querer, no entanto, reduzir a mulher a uma condição passiva, já que, pelo contrário, em algumas ocasiões, é preciso uma grande quantidade de atividade para se alcançar um fim passivo. Assim, tanto homens quanto mulheres podem mostrar-se ativos ou passivos em diversas situações.

A transformação da menina em mulher é mais difícil e complexa do que o processo vivido pelos meninos. O desenvolvimento libidinal para ambos os sexos parece dar-se da mesma forma nas fases iniciais do crescimento e, segundo Freud (1933), na fase fálica não há distinção. "Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho" (pg. 146).

A chamada fase fálica é a da não diferença, quando as teorias sexuais infantis forjam a hipótese de que todos os seres humanos, tanto os homens quanto as mulheres, possuem pênis. Mesmo quando o órgão genital das meninas é observado, a percepção mostra que há algo diferente, mas se chega à conclusão, primeiro, de que é um pênis pequeno que ainda vai crescer e, depois, de que ali existia um pênis que foi retirado.

Em *Organização Genital Infantil*, Freud (1923) coloca que, no estágio da organização pré-genital, a antítese ativo e passivo é que vai ser dominante e não a de masculino e feminino. No estágio da organização genital infantil, vai existir a masculinidade, mas não a feminilidade. A característica peculiar dessa fase é que, para ambos os sexos, um único órgão vai entrar em consideração: o masculino.

O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo... a antítese é entre possuir o pênis ou ser castrado (pg. 180).

A idéia de ser castrado surge a partir da visão dos órgãos genitais femininos. É uma conclusão a que a criança chega e que tem grande valor emocional. A falta de pênis é concebida como resultado de uma castração, que fica associada a uma punição.

A fase fálica é contemporânea do Complexo de Édipo que, numa primeira formulação, seria a criança estar mais ligada ao genitor do sexo oposto e aparentando sentimentos hostis em relação ao de seu próprio sexo. O menino deseja tomar o lugar de seu pai e ter a mãe como objeto de amor, enquanto a menina deseja o inverso.

Voltando à castração, segundo Freud (1924), a criança só pode ter tido noções muito vagas a respeito de uma relação erótica satisfatória, mas percebe que o pênis desempenha algum papel nesse fato, pois as sensações sentidas em seu próprio órgão demonstram isso. Como o menino, na época da descoberta da diferença anatômica dos sexos, se encontra numa atitude edípiana com os pais, ele começa a aceitar a possibilidade de castração como punição pelo amor incestuoso.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre o interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao Complexo de Édipo (pg 221).

As catexias libidinais de objeto serão, então, substituídas por identificações. A autoridade do pai, ou dos pais, é introjetada no ego, formando o núcleo do superego que, ao assumir a severidade paterna, garante a proibição do incesto e inicia o processo que leva o sujeito a encontrar seu lugar na comunidade. Freud, aqui, refere-se aos meninos.

Nas meninas, o Complexo de Édipo apresenta um problema a mais, de que Freud se vai dar conta em 1925. Em ambos os sexos, a mãe é o objeto original, que é retido pelos meninos na fase edípiana. As meninas, no entanto, abandonam-no e tomam o pai como objeto amoroso. Como isso ocorre?

O Complexo de Castração, que dissolve o Complexo de Edipo nos meninos, o inaugura nas meninas. Ao notar o pênis do irmão ou de um companheiro, a menina compara ao seu e o que surge é um sentimento de inveja. Ao mesmo tempo, compreende e toma uma decisão. *Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo* (Freud, 1925, pg. 314).

O fato de reconhecer que lhe falta o pênis não é aceito com submissão e ela se rebela. O desejo de possuir algo semelhante persiste no inconsciente e a inveja vai desempenhar um papel relevante na vida mental da mulher.

Com a descoberta de que é castrada, ela pode optar por três caminhos: o primeiro é, partindo da insatisfação com o clitóris, abandonar a sexualidade em geral; o segundo é deter-se na busca de um pênis; e o terceiro é voltar-se para o pai, tomando-o como objeto amoroso.

A princípio, a menina acredita que a castração é um infortúnio pessoal, e aos poucos ela consegue perceber que outras mulheres também não têm pênis. Por fim, sua mãe é vista como castrada e, como seu amor estava dirigido à mãe fálica, fica mais fácil abandoná-la, permitindo que sentimentos de hostilidade assumam o comando da situação. O desejo que leva a menina a voltar-se para o pai é, originalmente, o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou. A inveja do pênis vai remeter a uma esperança. Ela vê que não tem e quer tê-lo. A situação edipiana vai ser um refúgio.

Outra reação possível em face da descoberta da castração, para Freud (1931), seria o desenvolvimento de um complexo de masculinidade. Por não querer reconhecer o fato de ser castrada, ela se apega à sua atividade clitoridiana e se refugia na identificação com a mãe fálica ou com o pai. O que fica evitado é uma forma passiva de satisfação, que permite a abertura do caminho para a feminilidade. A menina toma seu pai como objeto amoroso, mas, através do desapontamento inevitável, retorna a sua condição de masculinidade infantil.

Tomando sua pré-história como ponto de partida, apenas acentuarei aqui, que o desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações movidas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial. Muito frequentemente ocorrem regressões às fixações das fases pré-edípicas (pg. 160).

Algumas mulheres, no percurso de suas vidas, alternam períodos predominantemente masculinos com outros, onde a feminilidade domina. Segundo Freud, talvez isto gere a expressão "o enigma da mulher".

Percebe-se que, para Freud, falar da mulher não consistiu numa tarefa simples. Apesar de, através das mulheres, ter entrado em contato com o que depois se tornou a psicanálise, estas continuaram como "um continente negro", gerando lacunas em sua teoria, o que lhe causava insatisfação, mas o motivava a saber mais a respeito.

No texto *Sexualidade Feminina*, de 1931, ele fala da dificuldade sentida pela mulher no desenvolvimento de sua sexualidade, pelo fato de ela ter duas tarefas a cumprir. A primeira seria a de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital - o clitóris - em favor de outra nova, a vagina; e a segunda a troca de seu objeto original - a mãe - pelo pai.

Ele nota que uma ligação intensa com o pai é antecedida por outra, também intensa, com a mãe. Muda, portanto, seu objeto, mas não sua vida erótica.

Com referência a essa época de ligação com a mãe, Freud nota que é muito rica e duradoura, e proporciona inúmeras oportunidades para fixações. O que posteriormente se encontra na relação com o pai foi, subsequentemente, transferido do vínculo inicial. Por isso, Freud (1933) afirma que, para um melhor entendimento das mulheres, é necessário que se valorize a fase pré-edipiana.

O investimento libidinal da menina para com sua mãe vai acompanhar as fases da sexualidade infantil e se expressa por desejos orais, anais, sádicos e fâlicos, que representam tanto impulsos ativos quanto passivos. A natureza dessa relação é, portanto, ambivalente, contendo sentimento carinhosos e hostis.

A fase pré-edipiana tem, na vida das meninas, uma importância tão grande que algumas mulheres ficam detidas em sua ligação original com a mãe e nunca alcançam uma mudança em direção aos homens.

O que possibilita o rompimento desse poderoso elo com a mãe e permite que se cumpra o destino habitual? Não é uma simples troca de objeto. O afastamento da mãe vai-se dar por vários motivos e é consequência da ambivalência de sentimentos. A hostilidade é que acompanha essa etapa.

Uma poderosa tendência à agressividade está sempre presente ao lado de um amor intenso, e quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada (pg. 153).

Um dos motivos desse afastamento seria o ciúme de outras pessoas, já que o amor infantil exige posse. O nascimento de um irmão ou irmã, vistos como intrusos e rivais, é um exemplo. Outro fato seria a frustração que ocorre no período fálico, com o impedimento, pela figura materna, da atividade prazerosa com os genitais. Esta mesma figura é que inicia a criança na atividade sexual, ao proporcionar os primeiros cuidados corporais, ato de erogeneização do corpo infantil, e depois a proíbe, às vezes com ameaças severas.

Mas o término da vinculação das meninas à sua mãe não se pode dar só por fatores como ciúme ou frustração na atividade sexual, porque eles também aparecem na relação materna com os meninos. A filha vai responsabilizar a mãe por tê-la trazido ao mundo sem pênis, e vai, também, desvalorizá-la na medida em que a mãe também aparece como privada desse órgão. Então, a fase do complexo de castração é a em que,

decepcionada com a mãe, a menina se volta para o pai, entrando no Édipo propriamente dito.

O desejo de possuir um pênis leva a menina a voltar-se para o pai, como forma de obtê-lo. Para Freud (1933), a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê. Mas esse fato não representa uma renúncia ao pênis e sim uma busca de equivalência simbólica para ele: pênis = filho.

É a partir do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido de seu pai, e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino. E se esse desejo se concretiza na realidade, sua felicidade é grande, e mais especialmente se o bebê é um menino que traz consigo o pênis tão desejado (pg. 158).

O voltar-se da menina para o pai se dá através de impulsos passivos. Essa nuance no desenvolvimento da libido, passando da atividade fálica para a passividade, é que vai preparar o caminho para a feminilidade. É quando se sente frustrada na tentativa de receber do pai um filho que a mulher vai poder desejar um homem, o qual a colocará no lugar de objeto do seu desejo.

Assim, o que move a mulher em direção a um homem é a busca da equivalência fálica. Essa procura de um substituto que ela empreende é ativa, sendo seu primeiro investimento movido por uma masculinidade, denotando que sua feminilidade, embora a determine, não a esgota enquanto sujeito.

Na vivência da relação mãe-filha, encontra-se a dialética atividade-passividade. Então, a menina oscila entre ser o objeto da mãe e ter a mãe como objeto, passando de uma posição passiva para uma ativa. Assim é que ela se pode constituir enquanto sujeito, separando-se da mãe, mas precisa conservar a passividade para se ligar ao pai. O mesmo se dá em relação à sua busca da equivalência fálica. Ela precisa ser ativa nesta busca, mas tem que se colocar passivamente, enquanto objeto de desejo de um homem para gerar filhos.

A sua escolha poderá ser feita segundo o modelo paterno, ou segundo o modelo narcísico, o que é mais comum. O homem eleito é semelhante àquele que a menina quisera tornar-se no período pré-edipiano. Se ela permanecer vinculada ao pai, sua escolha corresponde ao tipo paterno, o que poderia ser um casamento feliz, de acordo com Freud. Mas a hostilidade sentida pela mãe pode se alastrar ao novo objeto e pode se repetir a luta contra o marido, como antes houve a rebelião contra a mãe.

Há muito tempo, por exemplo, observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães (op. cit. pg. 265).

O marido, segundo Freud, que parecia ser herdeiro do relacionamento com o pai, tornou-se herdeiro do relacionamento com a mãe. Vai haver uma emergência de material recalçado, proveniente do relacionamento original, já que houve, no seu percurso para tornar-se mulher, uma transferência do investimento afetivo da mãe para o pai.

Tudo isso nos leva a concluir que, no processo vivido pela menina, há uma grande contradição, pois é justamente no momento em que ela rejeita a mãe, e mais a hostiliza, que precisa identificar-se com ela, para ocupar o lugar feminino na relação com o pai. O Édipo feminino se complica, porque implica em que se mantenha, para identificação, o mesmo objeto que deve ser abandonado como objeto de amor. E o que Freud verifica é que esse abandono do primeiro objeto não se vai dar, vai haver uma transferência, mas, na realidade, é como se para a menina o pai nunca substituísse completamente a mãe, como se fosse sempre a ligação original agindo através da figura do segundo objeto - o pai.

Freud enuncia que não só através do vínculo com o pai, mas também no relacionamento com o marido sentem-se os reflexos dessa primeira, forte e intensa relação.

Mas é quando a mulher atravessa o Édipo que pode desejar um homem, e é através do que vê refletido na manifestação de desejo desse homem que vai poder saber o que tem e quem ela é.

Portanto, é quando a mulher percebe que uma outra possibilidade de equivalência fálica é ser desejada que ela atinge sua identidade feminina.

Freud, ao escutar suas pacientes, se viu enredado na busca de algo que faltava e, no afã da descoberta, construiu o saber psicanalítico. Falar do feminino é falar

da psicanálise, e vice-versa. A demanda psicanalítica remete ao feminino, já que não permite saber tudo, pois o inconsciente não diz tudo.

A mulher, como figura maior da psicanálise, personifica o impossível de dizer, que é a representação da castração.

Mas a marca da castração é que vai possibilitar que se deseje e que se vá em busca de equivalências várias para essa falta, como nos diz Freud (1931).

Mais tarde, na vida, a falta de uma satisfação suprema pode favorecer um resultado diferente. Esse mesmo fator pode garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal... Na tensão dos processos de desenvolvimento, porém, acontece regularmente que a libido abandona sua posição insatisfatória, a fim de descobrir outra nova (pg. 266).

É assim que a mulher empreende sua constituição na feminilidade, formulando suas demandas, sempre trabalhadas tendo como pano de fundo a demanda de amor.

3. A ESCOLHA DO PARCEIRO E A RELAÇÃO CONJUGAL

Como vimos, no capítulo anterior, Freud afirma em vários textos (e.g. 1931, 1933), que a fase pré-edipiana, na vida das meninas, tem uma importância primordial para sua futura vida amorosa e considera que a relação com o pai é uma extensão do tipo de vínculo estabelecido com a mãe, nesta fase. Ele afirma, também, que esse primeiro vínculo vai servir de base para a escolha amorosa, posteriormente feita, pela mulher.

Freud(1933) ressalta, ainda, que a relação da mulher com o marido mantém as mesmas características da relação outrora vivida por essa menina com seu primeiro objeto de amor. Desta forma, o casamento se configura como uma tentativa inconsciente de resgatar essa fase de ligação intensa e completa com o primeiro objeto amado.

Devemos lembrar que a fase fusional, de completude narcísica, que a menina experimenta no início da sua vida, permanece até a descoberta da castração, quando esta se decepçiona com a mãe e se volta para o pai. A partir da vivência de uma outra frustração, que decorre do fato de não poder ter o pai só para si, a menina vai futuramente buscar na relação conjugal a possibilidade de plenitude e satisfação, uma vez que há um deslocamento do investimento libidinal da figura paterna para o cônjuge.

Assim, a relação com o parceiro, na conjugalidade, objetiva inconscientemente a complementariedade, na medida em que permite o compartilhar de momentos, sentimentos, idéias, projetos e exercício da paternidade/maternidade. Paralelamente, facilita a elaboração dos próprios conflitos individuais, porque possibilita a revivência e a atualização de experiências passadas.

Então, se pensarmos na escolha amorosa enquanto uma reedição dos conflitos inconscientes individuais de cada cônjuge, há que se investigar, criteriosamente, que motivações, que determinações internas e externas fazem com que uma pessoa "fareje" inconscientemente, no outro, a possibilidade conjugal, que está em consonância com aspectos vivenciados nas suas primeiras relações objetais.

Observa-se que, muitas vezes, o objeto eleito constitui-se num verdadeiro símbolo e a atração que ele exerce deve-se ao fato de que tem uma representação significativa para o sujeito que escolhe.

Sabe-se que as escolhas conjugais podem ser conscientemente motivadas pelo amor, pelas carências, por interesses materiais, por pressões familiares e por outros fatores, mas a prioridade dada aos motivos aponta para uma determinação inconsciente que atua na escolha de cada um dos parceiros.

Eiguer (1985) também confirma a motivação inconsciente como provocadora deste fato, acrescentando que a escolha tem um valor semelhante ao das

formações de compromisso, como o sintoma ou o lapso. Ele se refere à escolha edípica como uma escolha mais adulta, própria das estruturas neuróticas e normais.

Podemos perceber, então, o quanto esta opção é importante para a consolidação e a organização inconsciente do casal. Os parceiros entrecruzam objetos inconscientes, obtendo a vantagem de realizar um amor possível que, mesmo sem ser total, pode ser intenso, com um alto valor resolutivo e restitutivo.

Embora, como pudemos perceber, a psicanálise considere que desejos e sentimentos do passado podem retornar e justificar a opção por um par amoroso determinado, verifica-se que a conexão entre os fatores inconscientes e a escolha conjugal é desconhecida pela maior parte das pessoas. Entretanto, constata-se que algumas características dos pais podem ser detectadas pelos cônjuges no parceiro, e aspectos da relação vivida com eles podem ser identificadas no relacionamento conjugal. Mas, geralmente, a tomada de consciência se dá *a posteriori*. Raramente no momento da escolha se tem a percepção do seu fator gerador.

Ressalta-se, ainda, que aspectos da personalidade do pai ou da mãe podem ser tomados como ponto de referência, inconscientemente, tanto pela semelhança como pela diferença.

Segundo Eiguer (1985), a escolha pode recair em alguém que seja "o oposto" do pai ou da mãe, procedimento, denominado pelo autor de escolha defensiva.

De outra forma, algumas pessoas tenderão a apresentar padrões repetitivos de relacionamento, que são motivados pela persistência dos desejos e que ao mesmo tempo, são consonantes com as fantasias inconscientes, derivadas da forma pela qual as primeiras necessidades foram satisfeitas.

Neste sentido, Pincus e Dare (1978) propõem:

Muitas vezes, no casamento, o aspecto repetitivo da seqüência da escolha é impressionantemente literal, como, por exemplo, quando uma mulher cuja infância foi prejudicada por um pai alcóolatra, acaba casando com um alcóolatra, divorcia-se dele e novamente repete tal situação (pg. 41)

Paralelamente, um outro fator vai contribuir, de forma essencial, para que as escolhas se efetuem. É um movimento próprio do estado de apaixonamento - a idealização.

Freud (1914) define a idealização como um processo que se refere ao objeto, o qual, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. Para ele, o fato de uma pessoa estar apaixonada vai consistir num grande investimento da libido do ego em direção ao objeto amado. Este processo vai fazer com que o objeto sexual seja exaltado e transformado em um ideal sexual.

Uma outra observação foi feita por Freud, em 1910, quando ele declarou que a supervalorização da pessoa amada, considerada única e insubstituível, baseia-se no contexto infantil, na medida em que ninguém possui mais de uma mãe, e

a relação com ela é um acontecimento que não pode ser questionado e nem pode ser repetido. A conotação de especialidade deste relacionamento é transferido para o substituto idealizado.

Deve-se ressaltar que é possível, inclusive, que as características super valorizadas de um parceiro não passem de projeções das fantasias do outro. Constatase que as mulheres, que tendem aos devaneios mais que os homens, freqüentemente se envolvem, com muita facilidade, na fantasia do "príncipe encantado". E, partindo do discurso feminino, na clínica, observa-se que o alto nível de aspiração que algumas mulheres apresentam em relação ao parceiro demonstra que nenhum homem será capaz de amá-las da forma como elas sonham. Na fantasia, são criados parceiros tão dedicados, tão extremados, que são verdadeiras mães e não companheiros adultos. A expectativa é de que o escolhido seja responsável pela realização dos sonhos de sua parceira e, por esta razão, deve compensar todas as suas carências, através do papel que exerce.

Além disso, é importante observar como o social influencia, de várias formas, a vivência do relacionamento conjugal, como uma força norteadora, contribuindo para que haja uma dissociação entre o casamento de fato e o casamento sonhado.

A sociedade apregoa modelos idealizados de felicidade conjugal, criando idéias que são verdadeiros estereótipos, nutrindo ilusões, mitos e rituais que

acentuam as contradições vividas com a constatação da realidade, no cotidiano conjugal.

De acordo com este raciocínio, Nicolaci-da-Costa (1994) ressalta que Freud, no texto *Mal estar na civilização* fala da difícil conciliação entre os papéis sociais, cuja definição é externa ao indivíduo e ao seu desejo, uma vez que este é determinado pelo seu mundo interno.

A cultura delinea papéis numa aura de romantismo, que não abre espaço para decepções, imperfeições, ou seja, para os sujeitos lidarem com a castração. A felicidade, neste contexto, implica numa relação fusional apaixonante, que aponta para a completude eterna. No entanto, quando se pensa na felicidade, de acordo com a psicanálise, sabe-se que esta felicidade irrestrita só é possível como uma manifestação episódica, uma vez que vai ser proveniente de uma satisfação efêmera de necessidades represadas.

Segundo Freud(1930), quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela se transforma em um sentimento de contentamento muito tênue. Baseada nesta proposição, há que se concluir que, depois de um certo tempo, a paixão que produz a sensação de uma felicidade plena, reforçada pela idealização do objeto, tende a entrar em declínio, podendo, muitas vezes, levar à perda da consistência da ligação amorosa do casal, comprometendo a relação.

Neste sentido, Jablonski (1991) endossa esta colocação, dizendo em aditamento que:

Se o amor-paixão faz, nos dias de hoje, "acontecer" os casamentos, é o amor-companheiro que vai mantê-los. Mas se uma cultura desvaloriza esse último e faz do primeiro o único digno do nome de amor, então as coisas podem se complicar (pg.77)

Desta forma, havendo de um lado a pressão e a demanda social de felicidade sobre o casal, e de outro a tendência a negar os aspectos inconscientes individuais, não é difícil compreender que se torna extremamente complicado para os cônjuges construir uma relação em que os aspectos saudáveis de cada um se complementem e que eles possam ser o que são, coexistindo duas individualidades numa parceria. Como no verso de Caetano Veloso, que diz: - *Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*

Verifica-se, outrossim, através da clínica e da literatura, que a intensidade do amor-paixão não difere muito entre homens e mulheres; entretanto, percebe-se que a importância dada à permanência desse tipo de amor, no relacionamento, é próprio das mulheres.

Segundo Freud (1914) as mulheres, principalmente na puberdade, sentem uma intensificação do narcisismo original e primordialmente, se forem belas, desenvolvem um autocontentamento que faz com que elas amem apenas a si mesmas.

O desenvolvimento dos órgãos sexuais femininos, que até então estavam em estado de latência, provoca este aumento do narcisismo originário que desfavorece um amor objetual regular, acompanhado de uma superestimação sexual.

Pode-se supor que a falta fundamental que o órgão sexual(masculino) representa para a mulher faz com que haja a busca de compensação pela beleza. Assim, na falta de um pênis, ela tem um corpo feminino, que é investido como um símbolo fálico. E, neste processo, é importante e necessário que o parceiro o reconheça, o admire e o ame com intensidade.

Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas graças (pg.105)

Esta postulação nos remete a Serge André (1986), quando ele cita o discurso de Sócrates, sobre o amor, no Fedro de Platão.

Destaquemos apenas que a ideia do amor a que chega o discurso é a do amor narcísico: "...em seu amante, assim como num espelho, é a si mesmo que ele vê (pg.252)

Para André (1986), do lado imaginário é que o amor se apresenta como amor narcísico, submetido a uma relação especular em que a imagem de si mesmo, devolvida pelo outro como num espelho, é amada. A relação, assim constituída, é ela

própria comandada através do enlaçamento do amado com os deuses e o mundo das idéias. Nesse nível, o amor se confunde com a identificação ao semelhante.

De acordo com o pensamento freudiano, as mulheres narcisistas encontram o caminho para o amor objetal completo através da criança que geram. Daí, para a psicanálise, a menina tornar-se mulher e existir como mãe.

Já Da Poian (1987) aborda este tema de outra forma. A autora afirma que o homem, na medida em que perde algo com a lei edípica, que é a perda radical do primeiro objeto, só pode assumir e suprir essa perda pelo amor a si próprio. Para a mulher, entretanto, não houve, no seu Édipo, e não há por que haver, na sua vida, necessidade de bloquear o amor. Ela caminha na busca incessante de um homem que acolha o seu "excesso". Nela, o que há é uma demanda de harmonia e completude única.

Novamente, pode-se inferir que a mulher apresenta uma resistência maior a viver a interdição, pela constatação da castração e da dependência do outro que signifique o seu desejo. A continuidade de uma relação imaginária, no gozo perfeito, funciona como uma expiação da falta, mas estabelece a conjunção entre o amor e a morte, que é inerente à paixão.

Nesse sentido, Serge André (1986) enuncia que:

*Este amor vai, até a morte do parceiro,
podendo-se escrever sua fórmula nesse
termos: ter o seu ser, mesmo que ele não
deva ser mais (pg.257)*

No entanto, a questão edipiana feminina consiste num vínculo intenso, mas ambivalente, na medida em que são necessários dois movimentos contraditórios - de identificação e separação - que serão deslocados para a sua relação de amor. Para Freud (1933), esta oscilação entre as fases do Édipo, entre os dois objetos de amor, permanecerá durante toda a vida sexual da mulher.

Não é de se admirar que as mulheres questionem sempre o amor, nem que elas o demandem insistentemente. Elas fazem muita questão de serem amadas e, mais precisamente, de que se diga que o são. Assim, querem a permanência do vínculo primário, intenso, mas, ao mesmo tempo, necessitam, como acrescenta André(1986), estabelecer uma relação sujeito a sujeito, que a declaração de amor instala.

Dessa forma, a mulher viverá com seu parceiro o ressurgir da relação com a mãe, em dois âmbitos. Pode, em alguns momentos, querer encontrar a mãe na pessoa do marido e, em outros, colocar o marido no lugar de filho e ocupar o lugar de mãe.

Mas, fundamentalmente, afirma Freud (1933) a respeito desta questão:

O próprio casamento não é verdadeiramente garantido, enquanto a mulher não conseguir fazer de seu homem, seu filho e agir com ele como sua mãe. (pg.163)

Infere-se, a partir destas colocações que, no desempenho dos papéis, na relação conjugal, a mulher oscilará sempre entre uma postura passiva, quando se coloca como objeto de desejo, querendo ser amada intensamente pelo seu marido, e uma postura ativa, mantendo o domínio e a liderança, no relacionamento, tomando a iniciativa nas decisões, muitas vezes dissimuladamente, através de cuidados e atenções maternais.

Estas nuances são próprias do desenvolvimento libidinal feminino, uma vez que a alternância da atividade fálica para a passividade, e vice-versa, prepara o caminho para a feminilidade e a conduz na vida adulta. É esta peculiaridade que a torna um enigma ou um "continente negro", segundo Freud.

Na medida em que o amor objetal completo só é possível quando há plena aceitação das diferenças anatômicas e de todo o seu significado emocional, muitos conflitos conjugais vão-se dever às fantasias e sentimentos relativos a este aspecto, cuja elaboração dependerá de um código próprio de cada um dos cônjuges que podem ou não conseguir decodificar o número incalculável de mensagens que se estabelecem no relacionamento amoroso.

Conclui-se que, em condições favoráveis, a escolha do parceiro permite uma maior integração consigo mesmo. O espaço para o "nós" pode-se constituir através de "eus" que vão viver como fonte e objeto de amor, formulando suas leis, as quais tendem a se constituir como regras, muitas vezes atuando em lugar da lei da castração.

Serge André (1986) lembra o personagem Carmen, de Bizet, que declara: *o amor jamais conheceu a lei.*

E Vinícius de Moraes enuncia, através de uma composição musical, a visão masculina do que se faz necessário para viver um grande amor com uma mulher:

*Para viver um grande amor, direito,
 Não basta apenas ser um bom sujeito.
 É preciso, também, ter muito peito,
 Peito de remador.
 É sempre necessário ter em vista
 Um crédito de rosas no florista.
 Muito mais, muito mais que na modista!
 Pra viver um grande amor.
 Pra viver um grande amor, primeiro
 É preciso sagrar-se cavalheiro.
 E ser da sua dama por inteiro,
 Seja lá como for.
 Há que fazer do corpo uma morada,
 Onde clausure-se a mulher amada.
 Postar-se de fora com uma espada,
 Para viver um grande amor."
 Pra viver um grande amor, é muito,
 Muito importante viver sempre junto.
 E até ser, se possível, um só defunto,
 Pra não morrer de dor.
 É preciso um cuidado permanente,
 Não só com o corpo, mas também com a
 mente.
 Pois qualquer "baixo" seu, a amada sente
 E esfria um pouco o amor.
 (Song book-1993)*

Conclui-se, então, que as questões ligadas às relações amorosas vão falar de diferenças entre os gêneros e que a literatura demonstra que as mulheres tendem a privilegiar, mais do que os homens, tudo o que diz respeito a este tema. Para isso, contribuem tanto a constituição da subjetividade feminina, quanto o contexto social, que atribui tratamentos diversos a homens e mulheres

No entanto, a valorização extremada do amor, dentro do casamento, que a História mostra ter sofrido transformações, no decorrer do tempo, pode ter-se tornado, como afirma Jablonski (1991), ao mesmo tempo, fator de união e de desagregação no casamento contemporâneo. O autor ressalta:

Manter uma relação, como é o casamento, com todas as suas implicações e complicações, baseada apenas neste sentimento mágico, é como querer construir um castelo em cima de uma pedra de ... gelo (pg. 83)

A sintonia consigo mesmo e o amadurecimento emocional é que permitem a sensibilidade em relação ao outro, promovendo a capacidade de se viver uma relação de amor, administrando as diferenças.

4. A MULHER NA SEPARAÇÃO CONJUGAL

A estruturação psíquica do sujeito, segundo a psicanálise, faz-se a partir de uma separação. A progressiva diferenciação entre o eu e o não eu, ou seja, a separação do primeiro objeto de amor - a mãe, permitirá que o sujeito se discrimine, enquanto tal, e se desenvolva emocionalmente.

No entanto, este processo acarreta dificuldades. Tornar-se um ser à parte, ser capaz de defender-se sozinho no mundo externo e perceber este percurso internamente, gera muita ansiedade. É necessário, desde muito cedo, suportar-se perdas, para obter-se ganhos. Precisamos abrir mão do colo, quando aprendemos a andar.

Neste sentido, a vivência da separação do primeiro objeto será fundamental para criar-se o lastro das outras separações, às quais o sujeito será submetido durante toda a sua vida.

Nos bebês, a angústia, gerada pela separação, é provocada pela verdade literal de que, sem alguém para tomar conta deles, a morte torna-se iminente. Quanto aos adultos, aqueles que não forem preparados para viver separações podem sentir estes momentos como perdas, associadas à morte, gerando a desestruturação emocional.

Nos momentos de transição, estarão sempre implícitos os temas de morte e renascimento. Morte pela situação que, ao se transformar, deixa de existir, e renascimento pela nova experiência que vai ser vivida. Estabelece-se um período de crise que implica em sofrimento, mas também em reavaliação e busca de alternativas. O conflito, muitas vezes, instala-se no contraste entre o desejo de mudança e a resistência a mudar. Em cada transição de algo conhecido para um novo, são reavivadas sensações e emoções provenientes de separações e perdas anteriores, até mesmo as mais arcaicas.

Segundo a teoria freudiana, isto se deve ao fato de que, durante o percurso do desenvolvimento emocional, cada estágio do desenvolvimento é acompanhado por um investimento libidinal, e a passagem por cada um deles deixa marcas que criam possibilidades para fixações. Ou seja, a mudança de uma fase a outra implica em perda dos aspectos próprios daquela etapa, para assimilarem-se características da posterior, e assim, sucessivamente. O fato de haver o registro, a nível psíquico, de cada uma das fases, possibilita a regressão a um período anterior do desenvolvimento, caso haja necessidade.

Como foi dito anteriormente, a fase fálica, contemporânea do Complexo de Édipo, é o período em que mais claramente se dá a separação do objeto original. Para os meninos, pela ameaça de castração, e, para as meninas, pela busca de algo que as tire da condição de castradas. Na vida adulta, as perdas experimentadas vão remeter o sujeito, através de sentimentos, à marca da castração instalada no

período edípico. Assim sendo, a estruturação do sujeito psíquico, quer seja na relação mãe-bebê, quer seja no conflito edípico, pode influenciar a vivência dos momentos críticos transicionais dos indivíduos.

A vivência da trama edípica é, portanto, fundamental, não só para a constituição da subjetividade, como para a busca de substitutos para a relação primária. Deve-se acrescentar que, quando as primeiras ligações não ocorrem de forma equilibrada, esta experiência de instabilidade pode ser transferida para os substitutos, ou seja, as expectativas em relação aos vínculos afetivos feitos posteriormente ficam comprometidas pela desconfiança, pela insegurança, e ameaçadas pelo sentimento de perda constante.

Neste caso, quando a separação conjugal se apresenta como fato, gerando muitas perdas, a revivência de momentos anteriores vai contribuir para provocar sentimentos de regressão, desamparo e abandono. Este processo caracterizar-se-á como uma crise, uma vez que, segundo Eiguier (1985), reatualiza antigos conflitos, desvenda os equilíbrios precários, desperta emoções e angústias, implica em um luto pelo antigo modo de vida, provoca a modificação das regras, a partir de então inadaptadas, mas também pode permitir a definição de novas perspectivas. Ou seja, é um período crítico por mobilizar forças antagônicas, possibilitando a reavaliação e um crescimento posterior.

Muitas vezes, este percurso, visto como uma etapa de "re-visão" e de "re-construção", acarreta angústias, quando vivido como um "salto no escuro", pois

revela a possibilidade do bastar-se a si mesmo, que mobiliza sentimentos passados, quando a carência da presença da mãe era absoluta. Entretanto, num enfoque psicanalítico, é através da ausência e da falta que vai ser possível, para o sujeito, estabelecer uma relação com o desejo.

Neste sentido, Vilhena (1981) ressalta que

a separação traz consigo a constatação de uma diferença, de uma falta, de um vazio, muitas vezes impossível de suportar... Mas, talvez, possamos encarar este vazio como a presença da diferença na identidade dos sujeitos, passando o nada ou vazio a ser uma força produtiva do sujeito do desejo (pg.21)

Para complementar este pensamento, recorreremos a Dolto (1982), quando a autora postula que, se nunca nos tivéssemos separado, no tempo e no espaço, daqueles com quem sentimos o prazer de estar juntos, não saberíamos o que é amar.

Amar é esse movimento do coração para a imagem do ausente, a fim de aliviar em nós mesmos a dor da sua ausência. É a elaboração em pensamento e em atos da lembrança dos momentos de sua presença, e a invenção de meios de comunicação com esse outro, à distancia, e o investimento dos lugares, dos tempos, dos objetos-testemunhas desses encontros, que servem de suporte para o elo simbólico (pg.153)

A partir daí pode-se inferir que as experiências com separações provenientes de passagens por decepções, na infância, vão preparar a mulher para o encontro com o outro. Este outro será depositário de investimentos amorosos, como forma de se lidar com a castração.

Com este objetivo é que se percebe que existe, implícito na conjugalidade, um desejo de resgate da completude vivida no passado. No entanto, a constatação de que isso não é mais possível leva a outra desilusão. E esta dar-se-á em algum momento, uma vez que um parceiro não poderá jamais atender a todas as expectativas do outro e dar-lhe a sensação de que é pleno e totalmente satisfeito, como o processo de idealização fará supor.

Nos casos em que a idealização atua significativamente na relação conjugal, o que está em jogo, fazendo parte da captura da imagem do outro, é a ilusão. E, neste sentido, Garcia (1991) ressalta que

a noção de ilusão presente no pensamento psicanalítico está estreitamente vinculada à ideia de um estado inicial de desamparo no qual a criança nasce, marca inquestionável do humano que atesta a inevitabilidade da dependência do outro, em relação ao qual o sujeito se constitui como tal. É a partir desse desamparo inicial que surge o desejo de completude e harmonia que se postula como tendo origem na primeira experiência de satisfação e que caracteriza o universo da ilusão (pg.70)

Entretanto, a mesma autora observa que é necessário que esta busca de completude permaneça em nível de desejo, porque, caso seja vivenciada na realidade, constituirá uma ameaça à continuidade da vida psíquica, ou seja, o espaço para que a diferença se instale é de suma importância.

Sabe-se que a idealização do casamento, do amor eterno e a fantasia da indissolubilidade do vínculo dos iguais podem levar à desestruturação do sujeito, quando a ilusão de um casamento perfeito com o parceiro ideal é desfeita. Quando a solidão não leva ao desejo, mas encaminha para a sensação de perda de si mesmo, constata-se que a pouca diferenciação do eu impede o crescimento, uma vez que impõe um confinamento e a alienação no desejo do outro.

Como foi visto anteriormente, Freud fala da idealização como um processo que diz respeito ao objeto e faz parte do fenômeno da paixão. Ele assinala que o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar. A partir daí, pode-se inferir que o idealizado estará sempre satisfazendo esta condição.

E, prosseguindo neste pensamento, pode-se conceber a idealização como prenunciadora da desilusão com o objeto. Percebe-se com mais facilidade a ocorrência deste fato, quando se instala a dependência neste tipo de relação. Verifica-se, na clínica, que, quando a idealização permanece por um período grande de tempo, uma das partes se anula como ser desejante, para que o outro, engrandecido, ocupe todo o espaço relacional. O casal se constitui como uma "unidade".

Desta forma, ao ser rompida esta unidade, por ocasião da separação conjugal, a necessidade de reconstrução do eu se impõe. Ambos precisam ir em busca de uma nova identidade, através do amadurecimento individual.

Deve-se lembrar que, na infância, somente quando foi experimentada a primeira desilusão o sujeito encontrou seu próprio desejo. Ao contrário, nas relações narcísicas que tendem à negação das diferenças, a desilusão pode levar ao sentimento de aniquilamento.

Constata-se, então, que os casais que se organizam para manter a ilusão de uma união total e absoluta estão-se violentando, se mutilando e, muitas vezes, quando o desejo da diferenciação se faz presente, é necessário que a separação aconteça de forma concreta e efetiva. Separam-se os caminhos da vida, pois, de outra forma, não conseguem manter a própria individualidade e, conseqüentemente, o próprio desejo.

Contudo, é interessante destacar as contradições que ocorrem nesta situação. Com o sentimento de perda, decorrente da separação do casal, vive-se o aniquilamento, mas, enquanto se experimenta, na relação simbiótica, a perda do eu, alienadamente, vive-se a tranquilidade. A ansiedade surge com a conscientização e a insatisfação, provenientes deste tipo de dinâmica, estabelecida com o parceiro, gerando o conflito conjugal.

Esta linha de pensamento leva-nos ao estudo de Féres-Carneiro (1994), sobre interação conjugal, onde a autora utiliza o conceito de colusão narcísica, desenvolvido por Willi (1978), para a relação que consiste em ambos os parceiros manifestarem as mesmas perturbações básicas, um ego mal configurado e com sua delimitação em perigo.

O narcisista pretende valorizar seu ego por meio do parceiro e o narcisista complementar aspira obter no outro um ego idealizado (pg.39)

Outro tipo de vínculo é a colusão oral, que se define através da existência de um parceiro totalmente disponível para ajudar, de um lado, e, do outro, aquele que só requer ser cuidado e não se dispõe a ajudar.

... de um lado o parceiro se coloca na posição de "filho-lactante", desejando ter todas as suas necessidades satisfeitas, passivamente, transferindo as funções maternas idealizadas para o outro parceiro; do outro lado, o parceiro que assume a posição mãe-adoativa, com a tarefa de cuidar, rechaçando angustiadamente suas próprias necessidades e carências orais (pg.40)

Pode-se observar que, tanto num tipo de colusão, quanto no outro, há a fantasia de fusão. Além destes, mais dois tipos de colusão foram desenvolvidos por Willi (1978) e referidos por Féres-Carneiro (1994), em seu trabalho. A colusão

sádico-anal, que está associada à fase anal-sádica de desenvolvimento libidinal. O parceiro ativo deseja progredir na relação enquanto autônomo e dominante, e o passivo, pelo contrário, assume uma postura de dependência dócil para assegurar-se, através da regressão, contra os temores da separação e do abandono.

E, finalmente, a colusão fálico-edípica, onde os parceiros, como uma forma de se defenderem de suas debilidades, adotam atitudes polarizadas, onde um representa a posição ativa sexual e o outro, a posição passiva. Os aspectos masculinos (atividade) e os femininos (passividade) estariam identificados em ambos os parceiros.

Após o trabalho realizado, com dezesseis casais, em terapia, a autora concluiu que os resultados não evidenciaram uma relação significativa entre a manutenção ou a ruptura do casamento e os tipos predominantes de colusão. Os casais que se mantiveram casados (10 em 16), e os casais que se separaram (6 em 16), durante a terapia, mostraram a presença de todos os tipos de colusão.

Féres-Carneiro (1994) observa que há a manutenção do casamento quando os membros do casal são capazes de efetuar mudanças no jogo colusivo que desempenham. E a ruptura dar-se-á se apenas um dos membros efetuar transformações, ou quando ambos realizam mudanças, mas só um tem disponibilidade para vivê-las efetivamente.

A conclusão deste trabalho nos leva a pensar que o conflito conjugal caracterizar-se-á mais pela insatisfação gerada por determinados jogos colusivos do que pelo tipo de colusão estabelecido pelo casal. Pode-se inferir que quando a necessidade de transformação é unilateral, a insatisfação está sendo vivida por um dos parceiros, enquanto o outro se encontra adaptado e satisfeito na relação, independentemente do jogo vivido. Quando ambos se sentem incomodados, a possibilidade de transformação da relação é maior e mais produtiva.

Queremos acrescentar, ainda, que existem casais que se organizam através de uma modalidade fóbica contra o afã da indiferenciação. Os cônjuges mantêm-se obsessivamente diferenciados, negando de forma onipotente o desejo de fusão. Para reagirem ao desejo de união plena, mantêm a idéia, também ilusória, de possuírem um eu que se basta. Não ocupam o espaço um do outro, não questionam as ausências para preservar a individualidade de cada um. Mas esta rigidez contra a entrega mútua também não satisfaz, na medida em que o casamento implica num processo, que requer união e interação, uma vez que o relacionamento conjugal estabelece e desenvolve a comunhão (comum-união) dos parceiros.

Na verdade, verificam-se muitas queixas, e o desejo de separação tende a aparecer quando a relação tem este contorno, e se constitui mais como um desencontro do que como uma parceria, levando ao total esvaziamento de objetivos comuns.

Em seu estudo, Féres-Carneiro (1994) também acrescenta que se evidenciou uma maior possibilidade das mulheres em realizarem mudanças e também de romperem o casamento.

Jablonski (1991) confirma esta postulação, citando estudos sobre a frustração. Segundo o autor, a frustração aumenta à medida que a interrupção ocorre mais e mais próxima do alvo. Fazendo uma articulação com a emancipação feminina, ele acredita que, enquanto as mulheres não tinham esperanças e eram quase apáticas com relação aos seus direitos ou possibilidades no casamento, seu grau de insatisfação era, irônicamente, menor. Sua idéia é de que a mulher se encontra no meio de um caminho frustrante e, por isso, precipitador de crise.

Segundo as pesquisas atuais, sobre iniciativa dos divórcios, a mulher é quem propõe a separação. Na pesquisa desenvolvida pelo autor, acima citado, partiram das mulheres quase 76% das respostas que apontaram níveis altos ou muito altos de tensão e conflito existentes em suas uniões. O casamento, de acordo com os dados, traz mais alegrias aos homens. E, quando questionados a respeito do tópico: - Se pudesse fazer tudo de novo, casaria com seu(sua) marido(esposa)?, das respostas negativas 81% eram das mulheres.

Observando este dados, à luz da psicanálise, lembramos que, no texto freudiano, o homem é um ser ativo em contato com o mundo exterior. A mulher, mais passiva, coloca-se como objeto de desejo do marido. No entanto, Freud afirma que a passividade na mulher, embora a defina, não a determina enquanto sujeito. E

demonstra que a atividade feminina, por não ser totalmente recalcada, torna-se a origem de suas oscilações e de sua conotação enigmática.

Pode-se inferir, a partir destas colocações, que esta parcela de atividade, que escapa ao recalque, vai contribuir para que as mulheres reajam, quando se sentem mal na relação conjugal, tomando a iniciativa no processo de separação do casal.

Podemos, igualmente, retomar Freud em 1925, quando ele fala da constatação da castração feita pela menina.

Ela o viu, sabe que não tem , e quer tê-lo
(pg.314)

Sabe-se que a entrada no Édipo, para a menina, é gerada pela insatisfação de não possuir o pênis, e um tentativa de sair da condição de castrada, o que faz com que ela se volte para o pai, tomando-o como objeto amoroso. A situação edípiana é seu refúgio. Mais uma vez insatisfeita, já que o pai não pode completá-la, ela ativamente parte em busca de um parceiro amoroso que irá substituí-lo. Podemos supor que, se a relação conjugal também não a satisfaz, ela, com maior facilidade que o homem, parte em busca de outros objetos que lhe permitam fazer a equivalência fálica.

Mesmo assim, a mulher tende a personificar a vítima, no desenlace, reforçada pela imagem de fragilidade cultuada historicamente. O algoz combina mais com a imagem de "macho" ostentada pelo homem. As justificativas femininas para a

separação, em sua maioria, têm como base os sofrimentos impostos pelos homens durante o período conjugal.

Verifica-se, outrossim, que, em diversos casos, ao constatar no homem a maior facilidade em reconstruir a vida amorosa e que o encargo com os filhos a sobrecarrega, a mulher tende a sentir-se vítima do próprio ato.

Em contrapartida, aquelas que estabeleceram com o marido um vínculo de dependência e tinham como auto-imagem uma figura desvalorizada, ao se separarem, têm a oportunidade de se descobrirem, de se bastarem e de encontrarem formas de elaborar seus conflitos construtivamente, investindo em situações que lhes tragam como retorno a auto-estima e a autovalorização.

5. METODOLOGIA

A metodologia, na pesquisa em ciências humanas, torna-se um desafio na medida em que a ação humana se constitui em um texto vivo, cujo significado é lido dentro das relações que compõem sua estrutura e explicitam as regras do meio social mais amplo, bem como seus valores, instrumentos importantes para a ação, enquanto formadores do contexto social.

O sujeito é o autor do texto cuja produção de significados é inesgotável, e a ordem da ação humana não está definida por critérios preestabelecidos, sendo necessário que se permaneça aberto ao diálogo e à confrontação de pontos de vista.

Freud usou, como metodologia, a escuta. A partir de *Psicoterapia da Histeria* (1895), ele forneceu indícios de que iria fazer da psicanálise um método psicoterápico peculiar, no qual a teoria se constrói a partir da prática clínica, e a investigação (pesquisa) e o tratamento (prática) são concomitantes.

A escuta pressupõe um discurso, e a técnica de análise de discurso como instrumento metodológico permite, através da categorização e da interpretação do material discursivo, que se vá além do que é escutado, regra que também norteia a técnica psicanalítica.

Baseamo-nos em Nicolaci-da-Costa (1989), quando ela afirma que

Análise implícita é o que muitas vezes fazemos quando, não sendo linguistas, analisamos material discursivo com o objetivo de produzir conhecimento em alguma das diversas disciplinas em ciências humanas e sociais (...) ou seja, servimo-nos do discurso através de uma análise intuitiva que não é tornada explícita. (...) se conseguimos tornar explícitos os diversos procedimentos que usamos ao lidar com qualquer tipo de discurso, talvez sejamos capazes de alcançar maior rigor e ganhar maior credibilidade para nossas pesquisas (pg13)

Através da análise de discurso, portanto, obtém-se um instrumento que se faz a partir da escuta, preserva a singularidade dos sujeitos e mantém o rigor metodológico necessário à legitimação da produção científica.

Segundo Nicolaci-da-Costa (1989) dentre a gama bastante ampla de objetivos que este método apresenta, Brown e Yule (1987) referem-se a compreensão das operações mentais que estão por trás da nossa capacidade de produzir discursos coerentes e adequados a diversos tipos de situação. Foucault (1966) demonstra que a análise de discurso pode também estudar as condições sócio-históricas de emergência de determinados discursos, como, por exemplo das ciências humanas, e Freud (1901 e 1905) utilizou-a com o objetivo de investigação de processos psicológicos inconscientes. Desta forma, a autora afirma que:

“Diferentes disciplinas, como as ciências políticas e sociais, a psicologia, a educação e a filosofia podem lançar mão da análise de discurso o para levar a cabo suas investigações” (pg. 11).

Maingueneau (1987) ressalta que a ambigüidade que cercava o termo discurso, agora cerca o sintagma análise de discurso. Ele afirma que a análise de discurso pode designar praticamente tudo já que toda produção de linguagem pode ser chamada de “discurso”.

Schiffrin (1987) diz que:

“Não deveria surpreender o fato da análise de discurso ser tão vasta e difusa: como a pragmática e a sócio lingüística, ela têm suas raízes intelectuais não somente na lingüística, mas também nas ciências sociais e na filosofia”. (pg. 2)

Neste sentido, a metodologia, escolhida para analisar os dados da pesquisa, foi a análise de discurso. Nosso objetivo foi utilizá-la como forma de investigação das concepções e comportamentos relativos ao processo de separação conjugal das mulheres. Não foi proposta deste estudo prender-se a aspectos lingüísticos. A fala constituiu-se na forma de ter acesso à vivência feminina do término da conjugalidade, para obter-se uma melhor compreensão do processo.

5.1- Sujeitos da Pesquisa

Participaram da pesquisa 10 mulheres, separadas há no mínimo três anos, com idade entre 35 a 50 anos, classe média, brasileiras e moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Todas as entrevistadas exercem atividade profissional, sendo professoras (2), tradutora (1), fonoaudióloga (1), psicóloga (1), funcionária pública (1), engenheira (1), instrumentadora cirúrgica (1), atriz (1) e arquiteta (1). Entre as entrevistadas, uma não tem curso superior, as outras têm curso superior completo e exercem sua profissão.

Permaneceram casadas entre 7 e 19 anos e estão separadas há entre 3 e 6 anos. Todas têm filhos. A maioria tem um filho (7), outras têm dois filhos (2) e apenas uma (1) tem três filhos.

5.2- Procedimentos

Os dados foram obtidos através de uma entrevista semi-estruturada, cujo roteiro para a realização foi constituído a partir da fundamentação teórica desenvolvida em nossa investigação e do discurso das mulheres entrevistadas.

O primeiro contato entre a entrevistada e a entrevistadora foi feito pelo telefone, para a marcação de local e hora da realização da entrevista, de acordo com a preferência da entrevistada.

As entrevistas foram feitas na residência das entrevistadas (7), no local de trabalho da entrevistada (1), e no consultório da entrevistadora (2). Não houve tempo de duração preestabelecido, ficando em cerca de 40 minutos, na maioria dos casos. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento das entrevistadas, e transcritas.

Na avaliação do material obtido foram utilizadas as categorias abaixo, estabelecidas a partir da fundamentação teórica (1 a 9), e a partir do discurso das entrevistadas (10 a 16).

Categoria 1 - Escolha do parceiro

Categoria 2 - Relação conjugal

Categoria 3 - Papéis conjugais

Categoria 4 - Características da mãe

Categoria 5 - Relação com a mãe

Categoria 6- Características do pai

Categoria 7 - Relação com o pai

Categoria 8 - Iniciativa do processo de separação

Categoria 9 - Motivo da separação

Categoria 10 - Reação dos filhos

Categoria 11 - Reação da família

Categoria 12 - Reação dos amigos

Categoria 13 - Vivência do processo de separação

Categoria 14 - Pós-separação (homem/mulher)

Categoria 15 - Vivência Atual

Categoria 16 - Influência da questão financeira

Durante as entrevistas, os tópicos eram abordados sem uma ordem estabelecida, podendo emergir em qualquer trecho da conversa, para que um fluxo fosse mantido. A entrevistadora aproveitava alguns trechos para introduzir assuntos que, porventura, não tivessem sido mencionados pelas entrevistadas e fizessem parte do roteiro da entrevista. Este procedimento visou facilitar a apreensão dos dados sem, no entanto, tolher a espontaneidade da entrevistada.

5.3 - Resultados

Para a apresentação dos resultados, foram confeccionadas tabelas, com os principais dados selecionados, a partir das categorias temáticas. Foi confeccionada uma tabela para cada sujeito. O intuito deste procedimento foi permitir melhor visualização e comparação dos dados, para o leitor, e, conseqüentemente, facilitar o acompanhamento da análise dos resultados.

5.4 - Análise dos Resultados

Como nos mostra Freud (1914), a idealização é um dos mecanismos inconscientes que estão presentes na **escolha do parceiro**.

Pode-se verificar que a supervalorização dos aspectos da personalidade do futuro companheiro, e a tendência a negar algumas dificuldades acontecem no momento da escolha e, mais adiante, estes mesmos aspectos podem tornar-se importantes, como fatores que contribuem para o rompimento da conjugalidade.

É possível observarmos esta ocorrência, por exemplo, quando nos remetemos ao relato do sujeito 2 sobre o motivo de sua escolha de parceiro:

O que mais me chamou a atenção foi a maneira como ele tratava as pessoas, a delicadeza, o modo de gentleman inglês, mesmo... Antes de casar ele bebia e ficava engraçado, bem humorado.."

A negação fica definida quando, ao refletir sobre o principal **motivo para a separação**, o mesmo sujeito revela o seguinte dado:

O motivo foi a bebida e a agressão, porque foi logo depois que nós casamos que ele começou a me agredir fisicamente... Depois de casado começou a voltar-se contra mim quando bebia e começou a beber cada vez com mais frequência.

A idealização do objeto amado contribuiu para que a bebida, como aspecto negativo, fosse negada. O *gentleman* escolhido transformou-se num alcoólatra agressivo.

Da mesma forma, o fenômeno da idealização pode levar a uma posterior decepção com o objeto, uma vez que a figura idealizada fica distante da sua dimensão real, ou seja, fica engrandecida, inserida fantasmaticamente no desejo do outro.

O sujeito 3 demonstra esta vivência, através de sua fala:

Ele era muito bonito, mas o que mais me prendia a ele era a cumplicidade de vida. Tudo o que eu fazia de errado ele sabia e tudo que ele fazia de errado eu sabia.

Depois de anos de casada, a mesma entrevistada decepcionou-se com seu parceiro.

Eu descobri uma traição e fiquei muito magoada, porque desde o início de nosso namoro nós tínhamos feito um pacto de honestidade e ele não cumpriu esse trato até o fim.

O casal ideal, totalmente cúmplice e honesto, materializou-se, provocando frustrações e decepções para quem o idealizou.

Pode-se demonstrar, através de outros exemplos, que este aspecto é freqüente:

O L.O. foi uma descoberta pra mim. Ele era inovador, vanguardista. Fazia curso de cinema, fotografia... Ele tinha tudo a ver comigo. (suj.4)

Percebe-se que, quando o "castelo no ar" se desfaz, a contradição aparece.

A relação estava muito desgastada. Eu queria liberdade, experimentar coisas novas. Eu queria uma vida diferente. (suj.4)

Apesar de ter escolhido um parceiro vanguardista e inovador, a separação deu-se pela ânsia de novidades.

Outro exemplo é visto através do discurso do sujeito 1:

Eu adoro sair. A gente saía muito e ele era uma pessoa que estava sempre disposta. Eu prefiro sair à noite e nós vivíamos na madrugada.

O motivo alegado para a separação deste sujeito foi o comportamento oposto do parceiro:

Passou a acontecer o seguinte: a gente saía e ele dormia nos lugares que nós íamos. Dormia literalmente, em teatro, cinema, só não dormia em restaurante, e eu não tinha mais companhia. Eu, que casei para ter um companheiro! E a partir

do nascimento do meu filho, sempre que a gente saía, tinha que ser com o C. ou, não sair, por causa do C. Ai eu comecei a sair sozinha"

O sujeito 5 também apresenta a mesma contradição entre a escolha e o motivo da separação.

"Ele é médico e tem muita seriedade no que ele faz. Isso era uma coisa que eu admirava muito nele. Uma outra coisa que eu acreditava era a questão da sinceridade. Era uma transparência mesmo e ele era uma pessoa muito atenciosa"

Mais uma vez, pode-se verificar a decepção com o objeto idealizado, com o relato da mesma entrevistada.

Ele já tinha uma outra relação, já estava praticamente morando com outra pessoa, só que eu não sabia disso. Não foi me colocado em momento nenhum. Pelo contrário, foi escondido, tanto por ele como pelos amigos que sabiam. Então, eu me senti e me sinto muito traída, até hoje. Traída na relação que eu sempre reportei como de muita confiança. Ele trabalhava muito e era muito ausente. Tinha a rotina da ausência. Eu era mais amiga dele do que ele de mim.

A sexta entrevistada relata o motivo da escolha de seu parceiro da seguinte forma:

Era uma pessoa muito meiga, muito carinhosa, era uma das coisas mais... por exemplo, que eu achava mais era que ele tinha caráter. Quando eu olhei, achei ele muito bonito, mas era enrolado, inseguro. Tinha um amigo com quem ele andava e sempre tinha fumo no meio. Mas ele era legal e eu não me importava. (suj.6)

O inverso surge no momento da separação:

Tinha problemas sérios de desorganização, de vida sem disciplina. Eu estava sempre economizando, guardando, investindo dinheiro. Vinha ele gastava tudo. No trabalho, as pessoas falavam: - Coitadinha, acabou de aplicar, lá vem ele com idéias de barcos, motores, coisas que não eram essenciais. Eu ficava danada. Nós éramos muito diferentes"(suj.6)

No caso do sujeito 9, a escolha se efetivou, como no caso da sujeito 2, com a negação do problema com a bebida.

Bom, primeiro, eu tenho uma quedinha por artistas. Pessoas fora do convencional. Nós dois adorávamos jazz, né? Ele era uma cara que sexualmente foi meu grande parceiro. Era muito carinhoso e isso era fundamental. Eu achava que era a relação da minha vida. Eu tinha um pouco de dificuldade, porque ele, como bom nordestino, bebia muito. Mesmo assim eu achava que o

saldo era muito positivo. Ele bebia num astral bom, num astral legal"

Após a passagem dos anos, a percepção da situação alterou-se radicalmente, como relata a mesma entrevistada.

O grande problema que eu acho que foi a gota d'água, é que ele entrou num processo depressivo, por conta de problemas profissionais, ele voava, era piloto e deixou de voar e não conseguiu retomar a engenharia. Com o problema da depressão, ele começou a beber muito mais e a destilar aquela raiva do mundo, aquele ódio das coisas que não tinham dado certo e eu querendo ajudar, acabava ficando alvo da raiva dele, da impotência dele. E eu estava num processo profissional muito bom. Começou a ficar muito problemática a questão. Ele começou a ficar sarcástico, começou a ficar muito difícil.

Uma das entrevistadas deu-se conta da contradição no momento em que respondia a respeito do motivo da separação. Após justificar sua escolha do parceiro pelo fato de ele ser uma pessoa muito atenciosa e carinhosa, muito alegre e sedutor, ela se surpreende ao ser inquirida sobre o que provocou o término do casamento.

Engraçada essa pergunta, porque foi exatamente muita falta de carinho, falta de atenção, um desleixo com a relação que não melhorava e eu resolvi abrir, pra você ver como é, né? (suj.8)

Quanto às categorias características dos pais, relação com os pais e relação conjugal, pode-se perceber que alguns aspectos da personalidade do pai ou da mãe apresentam semelhança com as características ressaltadas nos parceiros. As relações estabelecidas com os maridos se assemelham em alguns momentos com a relação vivida com os progenitores.

O sujeito 6 mostra este dado, quando fala das relações com seu parceiro e com sua mãe.

Quando eu olhei, achei ele bonito. Mas ele era difícil, sempre foi enrolado, inseguro. Quando conheci ele fazia terapia e até hoje faz.

A semelhança com a mãe deste sujeito, apresenta-se pela fragilidade.

Eu não tenho muita paciência com ela. Ela vive sentindo dor, tosse, repete dez vezes a mesma coisa. Faz tudo que eu peço, mas é muito insegura.

Em outra entrevista, a semelhança surge entre o pai e o parceiro. A resposta dada pelo sujeito 9 associa os dois pela intelectualidade. A relação com o pai é descrita da seguinte forma:

Era um relação muito carinhosa e muito intelectualizada. Havia uma admiração mútua entre nós dois, nós conversávamos muito, ele era intelectualmente brilhante

E, quanto à relação estabelecida com o seu parceiro, o mesmo sujeito ressalta o seguinte:

Ele era extremamente reservado, mas a gente conversava muito. Eu não consigo conviver, jamais conseguiria conviver com um homem que não tivesse capacidade intelectual. É uma coisa que tá fora... Impensável, entendeu?

Já a décima entrevistada aponta para as características opostas entre a relação com o pai e com o ex-marido.

Quando responde sobre a sua relação conjugal, ela afirma:

Ele era muito responsável, sério, bem sucedido. Me dava uma segurança e uma estabilidade de vida muito grande (suj.10)

E, quanto à relação com o pai, demonstra ter feito a escolha pelo oposto, como ressalta Eigner (1985)

Ele é louco, totalmente irresponsável. Nossa vida foi de altos e baixos. O que ele ganhava, perdia na mesma rapidez (suj.10)

A articulação entre a relação parental e a conjugal também se pode fazer através da identificação da mulher com a mãe ou o pai, estabelecendo-se a repetição da relação vivida anteriormente com os primeiros objetos, como nos casos do sujeito 5 e do sujeito 1..

Minha mãe é uma pessoa extremamente autoritária. Eu sou um pouco o espelho dela, nisso (suj.5).

Ela é uma mulher boa, mas extremamente autoritária. Ela era homem e mulher, porque meu pai viajava muito. Ela não deixa que se interfira na vida dela, mas ela sempre quer dar uma na sua (suj.1).

A repetição é colocada, por ambas, através do relato de suas relações com os respectivos maridos.

Eu sempre fui uma pessoa, segundo ele, muito autoritária... numa discussão sobre qualquer coisa eu sempre ganhava porque tinha mais argumentos. Eu acho que sempre fui mais mandona mesmo, reconheço. (suj.5)

O T. é uma pessoa que não te diz não, ele é incapaz de dizer: - Eu não vou fazer isso. Então, ele diz: - Daqui a pouco. E com essa estória eu fui tomando a iniciativa das coisas, para não ficar dependendo... Pelo fato de trabalhar e ele não, eu comecei a tomar iniciativa em outros níveis, nas despesas. Hoje eu acho que eu carregava mais o casamento do que ele. Eu era o homem e a mulher (suj.1).

Com outra entrevista, percebe-se a repetição de uma situação de submetimento, e a convivência com aspectos ambivalentes do pai e do parceiro.

Em relação ao pai, o sujeito 2 afirma:

Meu pai é aquele sujeito dominador, caladão. Nunca encostou a mão em mim nem no meu irmão, mas a gente tinha pavor dele. Ao mesmo tempo ele é um cara com o coração assim, sabe, enorme.

E sua resposta, em relação ao período de casada, exemplifica essa situação repetida.

Ele era duas pessoas. Quando não bebia era uma flor de pessoa, daquele tipo que quer ver os outros contentes e tira a roupa do corpo.

Quando bebia me agredia. Primeiro com palavras, depois fisicamente. Com empurrão, quebrou meu nariz e várias coisas assim (suj.2).

Dois mulheres, durante a entrevista, verbalizaram a semelhança entre a relação com seus parceiros e as respectivas mães.

Falando do ex-marido, uma delas, o sujeito 7, aponta, como principais características dele, o seguinte:

Ele era uma pessoa assim, muito acomodada, muito diferente de mim, entendeu?

E, sobre as características da mãe, desta mesma entrevistada:

Ah, a minha mãe é desse tipo de pessoa acomodada também, que não toma iniciativa de nada, até ... daí, eles são bem parecidos.

A outra, sujeito 8, nos mostra a conscientização da semelhança, quando fala da mãe.

Eu não consigo ouvir as coisas que ela fala, que me incomodam, e não reagir, eu sempre reajo, embora eu saiba que são as mesmas coisas que ela fala há anos, mas eu sempre reajo, como se eu quisesse que ela fosse diferente. Aliás, foi o grande erro da minha relação com o ex, foi querer que ele fosse uma pessoa que ele não era.

No que se refere ao desempenho dos papéis conjugais, as mulheres demonstraram ocupar um lugar ativo em suas relações, com poucas exceções (2 em 10). No entanto, não mostraram ficar satisfeitas em vivenciar este lugar e algumas queixaram-se explicitamente disso, quando questionadas sobre quem tomava a iniciativa nas decisões, com mais frequência.

O sujeito 7, por exemplo, respondeu irritada:

Eu, sempre eu. Na verdade, o meu sonho dourado é encontrar alguém que tome a frente das coisas pra mim.

Outros exemplos da atividade feminina, detectadas nesta categoria, seguem-se:

Eu fui tomando a iniciativa das coisas, porque eu não gostava de ficar dependendo... Pelo fato de trabalhar eu comecei a tomar iniciativa em outros níveis, nas despesas. Hoje em dia eu acho

que eu carregava mais o casamento do que ele (suj.1)

Eu sempre tomei mais iniciativas do que ele. Toda minha gestação ele ficou desempregado... Ele conseguiu emprego dez dias antes do parto porque eu disse: - Olha, eu não vou ter filho no INPS! Ai ele aceitou um emprego por causa do plano de saúde. (suj.2)

Eu tomava mais iniciativas, ele era mais passivo. Dinheiro da casa, eu tomava conta de tudo. Investimentos, eu que fazia. Ele era mais amalucado e eu era mais preocupada. Ele fazia bioenergética porque precisava liberar o corpo, porque estava contido, dizia que ele era primeiro mandado pela mãe e depois por mim (suj.6)

Bom, eu sempre fui muito direta para tomar iniciativas. Posso até fazer errado, mas eu tinha que me segurar com ele porque ele demorava muito a tomar uma decisão. Ficava ponderando, ponderando, entendeu? As coisas mais simples do mundo. Sabia o que tinha que fazer mas demorava duzentos anos. (suj.9)

Observa-se, igualmente, que as mulheres também apresentaram uma atitude mais ativa que os homens, frente à decisão de se separar. Apenas uma das entrevistadas, o sujeito 5, apesar de perceber-se mais ativa no desempenho dos papéis conjugais, revelou que o parceiro tomou a **iniciativa na separação**. Ela remeteu-se à decisão da separação conjugal com um sentimento de impotência diante do fato.

Ele decretou a separação. Não foi discutida. Foi decretada. Quando eu tomei conhecimento já estava tudo

decidido, não tinha mais o que fazer. Eu não tinha conhecimento do contexto e não tinha o que fazer. (suj.5)

As demais, pelo contrário, colocaram a impotência no parceiro, quando questionadas sobre quem tomou a iniciativa para a separação.

Eu tomei a iniciativa, aliás há muito tempo eu vinha dizendo a ele que queria me separar e ele dizia que era uma crise e ia passar (suj.1)

Fui eu, ele não queria. Todo final de semana eu conversava com ele, até que ele viu que o papo era sério e começou a beber mais ainda (suj.2)

Foi minha, a iniciativa. O que gerou a vontade de me separar foi uma mágoa muito grande. Foi uma mistura de mágoa com ódio ao mesmo tempo. Eu descobri que ele estava tendo um caso com outra mulher (suj.3)

Foi um ano de crise. Começou um desgaste, um pouco antes da compra do apartamento. A compra do apartamento, pra mim, foi a visita da saúde. Eu não tinha vontade nem de ir ver a obra do apartamento. Um dia me deu um estalo, como se fosse um insight e eu falei pra ele: - Se filho que é filho, não vai me prender, não vai ser apartamento que vai me prender. Então, a palavra final quem deu fui eu (suj.4)

Quem tomou a iniciativa, fui eu, quer dizer, ele é que saiu de casa, mas antes eu já tinha falado que o casamento tinha acabado, nem dormia mais com ele, dentro de casa mesmo. Tinha aquela

coisa de que ele não queria se mudar e eu também não, é... nenhum dos dois tinha para onde ir na verdade, né? Então ficamos separados um tempo dentro de casa, até que ele resolveu sair"(suj.7).

Quando era namoro, tinha altos e baixos, movimentos de reconquista e ele era muito sedutor, mas depois que casou e eu levei a primeira, ele me deu uma traída, foi a primeira porrada. Mas você faz uma vez e consegue retomar a relação, vai se acomodando porque sabe que vai retomar, né? Ele achava que não precisava se preocupar. Mas fui cansando de lutar por uma coisa que não melhorava, que não me acrescentava e resolvi abrir (suj.8).

Algumas demonstraram alguma dificuldade para resolverem a situação e revelaram este fato. No entanto, acrescentaram que, se não houvessem decidido, estariam casadas até hoje.

Ele começou a sair com amigos e a chegar tarde. Aí, eu pensei: - Minha casa vai virar motel? Mas eu não pensava em me separar. Eu imaginava ele morrendo. Eu matava ele todo dia. Quando eu me toquei que a minha vida estava horrível, eu quis me separar e falei. Ele nunca ia tomar a decisão (suj.6).

Fui eu, embora nós já tivéssemos conversando da possibilidade de vir a se separar, por conta dos problemas, nada se resolvia. A decisão, no momento, foi eu que tomei. Arrumei minhas coisas e saí com a minha filha (suj.9).

Eu achava que sem ele eu não sobreviveria. Aos poucos fui percebendo que não era bem assim e quando tive certeza, tomei a decisão. Ele não queria de jeito nenhum. Nos separamos na terapia de casal (suj.10).

Todas as mulheres que participaram das entrevistas ficaram com a guarda dos filhos. Segundo elas, sentem-se sobrecarregadas, mas nenhuma mencionou o desejo de que fosse diferente, ou seja, de que seus filhos ficassem com os pais.

Quanto à **reação dos filhos** durante e após o processo de separação, observa-se que tende a ser uma preocupação do casal, e eles, na maioria das vezes, são participados depois que a decisão já foi tomada. Nenhuma das mulheres, mesmo as que tomaram a iniciativa na separação, mencionou a reação dos filhos como obstáculo ou como fator desencadeante de culpa.

De acordo com as mães, todos os filhos reagiram. Alguns mais explicitamente, outros, através de sintomas ou atitudes encobridoras.

Para exemplificar, selecionamos as seguintes falas:

D. não mostra muito os sentimentos. A minha filha desde pequena já mostrava os sentimentos. Quando o pai foi a Curitiba e voltou, o D. chorou muito, mas dizendo que era por causa de um caminhão que eu não tinha comprado para ele... Quando a minha filha ia para a escola, voltava dizendo que queria um pai. -Todo mundo tem um pai, eu também quero um

pai. Você desce aqui hoje, vai lá embaixo buscar um pai pra mim (suj.2).

Antes da gente separar, ela fez uma crise alérgica. Fez uma rinite catarral, não ficava boa de jeito nenhum. Depois ela teve escarlatina. As reações da F. foram todas somáticas. Quando nós conversamos com ela, acho que ela melhorou um pouco. Uns dois meses depois da separação é que ela melhorou bastante (suj.4).

Segundo as respostas dadas, alguns reagiram mais durante o processo, enquanto outros, depois de haver passado algum tempo, ou quando os pais estabeleceram outras ligações amorosas.

Meu filho já percebia essa separação, mas estava acomodado, como todo mundo. Ele ficava muito com o pai, eu me arrumava e saía. Enquanto o pai estava em casa, como hóspede, ele ficava tenso. Ele pediu um terapeuta e foi para a terapia. O terapeuta dizia que ele estava muito confuso, porque não havia uma separação de fato. Depois que o pai saiu, ele melhorou sensivelmente. Ele tem um arquivo, e durante muito tempo, ele ficou com a palavra HELL escrita nele. Depois que o pai saiu, um dia eu olhei e estava lá KING (suj.1).

Nós conversamos com as duas e elas ficaram mudas, não falaram nada, não perguntaram nada, nunca quiseram saber detalhes. Mas nunca quiseram ficar com ele. Elas estão sempre arrumando desculpas. Eu falo que é o pai delas, mas não adianta. A S. ainda vai mais, por causa do barco, mas a C. perdeu todo o

tesão, até pelas coisas que ela gostava (suj.6).

A maior reação foi quando, nós nos ligamos a outras pessoas. Aí, eles já não queriam sair mais conosco, o mais velho só queria ficar com os amigos e depois eu descobri que ele estava fumando maconha. Foi muito complicado. A menina ficou mais fechada, deprimida e o mais novo, muito agressivo, principalmente comigo. Logo depois da separação, não houve tanta mudança. Parece que eles realizaram a separação, depois (suj. 10).

Para ele foi mais difícil, quando o pai voltou para os Estados Unidos. Ele é americano. Ele não dá a menor atenção para o filho. Comigo ele nem quer falar. No começo, quando o Y. estava reclamando muito, eu ligava, falava e ele escrevia e prometia mil e uma coisas que nunca cumpriu, então eu parei de me meter. De vez em quando ele fala muito no pai em outras épocas nem lembra. Mas ficou muito possessivo comigo, implica com as pessoas que eu saio e isso pra mim atualmente está bem difícil (suj.7).

A questão edípica soma-se à reação e, algumas vezes, pode ser expressa através da identificação com a mãe ou com o pai, sintonizando os próprios sentimentos com os daquele que se sente traído ou abandonado.

No começo ela ficou arrasada com o comportamento do pai. O pai falou com ela e ela virou-se e disse: - ' Olha pai, não quero assunto, eu vou te dizer uma coisa que meu avô sempre falou. Pau que nasce torto, morre torto, pra endireitar, quebra.

Eu estou com a minha mãe'. E nós duas fomos à luta. (suj.3).

Minha filha ficou muito pior, que os meus filhos, com o casamento do pai. Ela chora e não para de se queixar que ele não liga mais pra ela. Quando vai para a casa dele, cria clima com a mulher dele(suj.10)

Meu filho não teve uma reação muito negativa. Ele tinha 5 anos, o pai era muito ausente e eu sem perceber estava muito ligada à ele. Hoje ele evita o pai, não tem muita afinidade com ele(suj 5).

Apenas uma das entrevistadas, o sujeito 9, relatou uma reação filial

positiva:

Minha filha reagiu de uma forma extremamente positiva em termos de comportamento, porque ela estava muito angustiada com os problemas da relação. Estava muito angustiada com as sessões de alcoolatra, chegando tarde da noite, dando vexame. Foi uma das razões básicas para que eu tomasse a decisão. Eu acho que não tinha direito de impor a ela, esse tipo de convívio. Então ela melhorou muito. Antes era extremamente agressiva conosco. Depois da separação eu estava num momento profissional muito bom e fui com ela para o exterior e agora ela está fazendo um intercâmbio de um ano nos Estados Unidos e está adorando, está segura, está se dando super bem e eu acho que tem a ver com o amadurecimento de nossa relação. Ela deu um salto imenso nessa fase, após a separação, acho que ela superou muito

bem. Quando voltar, não sei como será, mas ela me parece ótima. (suj.9).

Em relação à categoria **reação da família**, a maioria das respostas mostra uma mobilização intensa do grupo familiar, quando o casal participa a separação.

Quando o casamento, enquanto instituição, é muito valorizado pela família, a reação demonstra que os pais, algumas vezes se sentem atingidos pessoalmente pela atitude dos filhos. Como, por exemplo, nos casos abaixo relacionados:

A reação da minha família foi péssima, né? Inclusive eu senti muita falta do apoio deles, na hora legal, porque eu não entendia nada de termos legais, estava totalmente por fora. Eles custaram a aceitar, ficaram em choque dois ou três meses, depois que viram que eu ia ficar em Curitiba, mesmo, começaram a ajudar (suj.2).

A minha família me cobrou muito. Diziam que eu era maluca, que ele era ótimo marido e pai e que eu sozinha ia me dar muito mal. A única pessoa que me apoiou, foi meu pai (suj.10).

Eu acho que todo mundo gostou, a partir do momento que todo mundo era contra o casamento, porque ele é negro. Agora, tem assim aquela coisa de família, que acha que a partir do momento que você tem filho, você deve ficar casada até o final da sua vida, entendeu? Já que você fez, agora leva adiante. Está mal, fica mal, mesmo. Paga pelo erro (suj.7).

A minha família ficou decepcionadíssima. Teve um ataque de nervos. Meus pais adoravam ele. Era o genro predileto. Meu pai ficou com ódio. Minha mãe ainda fala com ele, mas meu pai, até hoje não fala nem no telefone. Ele fica pau da vida. Meus pais fizeram bodas de ouro e não convidaram ele. Ele ficou danado (suj.6).

De acordo com a maioria das mulheres entrevistadas, os pais apoiaram as filhas com mais facilidade que as mães. Estas reagem com indiferença e com muitas cobranças.

Meu pai já morreu, por isso eu não pude contar com ele e minha mãe reage mal, acha que eu não devia me separar. Minha mãe é daquelas que acha que você deve viver junto da pessoa, nem que seja para brigar todos os dias. Já que nós vivíamos separados sob o mesmo teto, ela achava que não tinha problemas se eu tivesse um romance fora. Até hoje a minha mãe fala por causa do divórcio litigioso(suj.1)

*Meu pai me apoiou, mas minha mãe me apoiou com uma faca de dois gumes. Eu apoio com uma mão e tiro com a outra. Como eu fiquei desarvorada, ela pegou a administração dos bens e me prejudicou. Eu demorei a perceber (suj.3).
Até hoje minha mãe acha que ele é ótimo. Ela prefere colocar a culpa na mulher (suj.5).*

Quer dizer... quem tomou mesmo a rédea pra entrar numa de me ajudar foi meu pai, porque com ele, ele não quer que eu sofra. A sensação dele é de me proteger o máximo, né? A minha mãe tem isso também, mas primeiro é assim: 'O que as

peessoas vão pensar? Então, isso tudo acaba sendo mais importante, embora não seja, mas é o que ela reflete primeiro. Ele, não, ele quer logo me tirar da areia movediça, não interessa o que vai acontecer depois (suj.8).

Quando a relação que a mulher fez com a família, caracterizou-se por uma maior independência, mesmo anterior ao casamento, a família tendeu a respeitar e a não interferir na situação. Os sujeitos 9 e 4 relataram este aspecto:

Minha família reagiu muito bem (risos). Por exemplo, a minha irmã está há não sei quanto tempo tentando se separar do marido e a minha mãe fez de tudo pra ela não se separar, porque ela acha que é melhor ficar com marido do que sem marido nenhum. Comigo é o contrário. Eu era a filha mais velha, eles não tiveram filhos homens e passaram para mim expectativas de ser bem sucedida e independente, muito forte. Então, hoje eu percebo que eles lidam comigo como se eu fosse homem. Me vêem como um ser masculino, né? Acham de certa maneira, que eu posso estar melhor separada do que se estiver casada (suj.9).

Não houve reação. Essas atitudes todas, minhas, sempre foram muito independentes. Minha decisão de morar, casar, separar, não teve interferência nenhuma, não (suj.4).

A reação dos amigos ocorreu de forma variada. Alguns tentaram reaproximar o casal. Como nos seguintes exemplos:

A maioria dos amigos próximos não concordou. Ainda tentaram de alguma forma reconduzir, mas ele não queria ouvir opiniões. Os mais próximos da gente tentaram mudar o rumo da estória, mas ele como bom nordestino é turrão (suj.5).

As pessoas ficaram surpresas, surpresas. As pessoas ficaram... inclusive teve algumas pessoas, que foram abordar o F. a respeito disso e vieram conversar comi-go tentando reverter a situação (suj.9).

Os amigos também podem tender a dar apoio a um e abandonar o outro.

Os amigos, uns falavam assim: - Ai, não sei como você agüentava, ele era um chato! Alguns diziam que ele me fazia mal desde que eu o conheci. Que eu tinha gastrite desde que eu o conheci. (suj.6).

Noventa por cento dos amigos, ficaram com ele. Os amigos todos ficaram do lado dele. Como os amigos ficaram do lado dele, eu na época me senti a miserável, eu que fui condenada. Pra mim foi difícil entender isso. Quando você perde a grana, você perde os amigos (suj.3).

Depois que você casa tem um erro desgraçado, que é ter os amigos do casal. Você acaba se desfazendo dos seus amigos individuais, então, você acaba tendo amigos em comum. Isso dificultou muito, porque a situação foi bem brusca, então levou a polaridades escandalosas.

Os amigos tomaram partido, mesmo, poucos ficaram em comum. Tiveram das duas reações: 'Que maravilha!' e 'poxa, que pena!' Tem gente que não fala comigo até hoje, vira a cara porque me achou muito horrorosa. Nós dois temos problemas, mas conversamos. Isso é uma bobagem, as pessoas também não podem tomar partido, assim não (suj.8).

Em outros casos, os amigos tenderam a se afastar, como se houvesse um pacto secreto do grupo, e o casal que se separou rompeu com este pacto.

Os amigos achavam que nós éramos , como se diz agora, casal 20. A gente , na verdade, tinha um estilo, a gente criou um modelo. No primeiro momento, nós éramos convidados e freqüentávamos os mesmos lugares, depois começou a mudar, até que pararam de nos chamar (suj.4).

Nosso grupo era de pessoas, todas casadas ao mesmo tempo, com filhos da mesma idade e ficou difícil continuar saindo junto com casais e também eles se afastaram, não chamam mais (suj.10).

Apesar de muitos anos de casamento, algumas mulheres relataram não ter amigos comuns.

A gente não tinha muito amigo comum, né? Os amigos dele ficaram contra mim, os meus amigos ficaram contra ele(suj.7).

Nós tínhamos poucos amigos comuns. O T. tinha só dois ou três amigos e nós não saíamos muito juntos (suj.1).

Ele detestava meus amigos. Ele morria de ciúmes. Nós nunca pudemos ter amigos comuns (suj.2).

Em relação à **vivência do processo de separação**, para todas as mulheres, foi um período, segundo elas, extremamente difícil. Mesmo para as que desejavam a separação.

A separação levou muito tempo, foram seis meses de conflitos. Então esse período todo, eu era um treco que andava. Tinha várias reações. A separação é muito difícil, porque você perde coisas que você gostava, também, entendeu? E vê que teve coisas que você se desfez e eram um peso pra você, que atrapalhavam seu desenvolvimento, atrapalhavam a vida que você gostaria de levar, mas também tinham coisas boas (suj.8).

Foi uma coisa muito complicada pra mim, porque eu queria que isso terminasse logo. Eu queria que fosse uma coisa civilizada e teria sido se ele tivesse cumprido o que ele tinha dito de dividir as despesas, dar a pensão do menino... Mas as coisas se prolongaram muito. Depois que ele saiu de casa a coisa ficou mais suave (suj.1).

Foi difícilimo. Eu chorei mais de seis meses, dia e noite. Apesar de eu querer me separar, eu gostava muito dele. Eu sequei, fiquei doente, fui a médicos, neurologistas, psiquiatras, até que uma médica me ajudou a tomar o rumo da vida (suj.3)

Acho que foi o pior período que eu passei na minha vida. Que confusão, quanta briga, mesmo com a terapia de casal, nós não conseguíamos racionalizar as coisas, foi horrível (suj.10).

Algumas mulheres entraram num período de oscilação emocional, alternando momentos de alívio com sofrimento, mania com depressão.

Na época eu estava querendo liberdade. Eu queria experimentar coisas novas, transar com outros homens. Eu estava mais pra maníaca. Vivi momentos dolorosos depois. Tentei uma reconciliação, engravidei, fiz aborto, foi horrível (suj.4).

Olha, não foi fácil não, eu acho que o fato de eu estar muito bem profissionalmente foi uma coisa que me ajudou muito. Com o F. eu fiz viagens fantásticas no Brasil, mas depois da separação fiz viagens para o exterior e isso foi muito excitante pra mim. Eu precisei zerar o velocímetro fazendo coisas novas. Então de certa maneira eu aliviei, né? Agora, emagreci muito, fiquei com uma virose um tempão de cama e dei uma concentrada muito grande na minha filha (suj.9)

.Olha, foi um momento crítico, na minha vida, porque eu estava muito doente. Eu vinha de uma doença, super enrolada, quase morro e eu cheguei em casa do hospital, depois de três meses, no dia 21 de dezembro e ele saiu dia 23. Então eu estava muito fragilizada, né? Mas mesmo assim eu dei graças a Deus dele ter resolvido se mudar. Mas foi uma barra, doente, com filho pra cuidar, ele me deixou na mão, mesmo (suj.7).

O deslocamento aparece como recurso defensivo.

Eu achei uma barra. Você acha que vai perder tudo, vender tudo, morar num apartamento menor, não vai conseguir se sustentar...E para as crianças é uma perda muito grande. Um pai dentro de uma casa faz uma falta enorme. O fato do pai não estar disponível todo dia, é ruim (suj.6).

A anestesia afetiva também protege do impacto emocional da separação.

Eu acho que fui fazendo a minha cabeça no sentido de que era inevitável. Eu estava meio cansada daquele processo todo. Os três últimos anos foram infernais. Então eu sempre disse pra mim mesma que ia acontecer e de certa forma era uma espécie de anestesia. Aquela coisa dolorosa da separação, eu não senti (suj.2).

Na décima quarta categoria, quando as mulheres avaliaram comparativamente sua vivência da separação com a vivência dos homens, na mesma situação, creditaram as maiores dificuldades para si. Ressaltaram a dependência masculina e a maior facilidade para reconstruir a vida amorosa.

Eu acho que a separação pra mulher é mais complicada, especialmente se ela tem filhos. Poucas são as mulheres que querem deixar os filhos com os homens.

Mas isso implica numa responsabilidade muito grande. A maioria dos pais não é presente. Nós conseguimos nos manter sozinhas, eles dificilmente conseguem. Eles são eternas crianças, custam a amadurecer. Continuam buscando a mamãe (suj.1).

Pra mulher é muito mais difícil. Ele casou outra vez com uma mulher mais velha que ele. Encontrou a mãezona que ele queria. Com as crianças eu arco com tudo (suj.2).

Para mulher é mais difícil refazer a vida amorosa, pro homem é mais fácil (suj.4).

Eu , hoje em dia tenho uma teoria de que nenhum homem se separa para morar sozinho. Para ele é mais fácil também nesse sentido. A mulher é mais independente e tem a responsabilidade dos filhos, da educação dos filhos, e isso é mais complicado (suj.5)

.Para a mulher é mais difícil, a partir da cobrança social, a cobrança da família e por aí vai. A mulher separada tende, ainda, a encontrar certas dificuldades. Algumas mulheres casadas podem vê-las como ameaça e evitam. Pelo que eu sinto as mulheres ficam mais expostas à solidão do que os homens. O homem separado é melhor aceito. As próprias mulheres pensam:- 'Oba! mais um no mercado' (suj.10).

Em relação ao seu momento atual, a maioria das mulheres relatou estar-se sentindo mais tranqüila e sente-se mais produtiva profissionalmente. No entanto, elas apresentam queixas em relação à solidão.

Agora estou mais calma, porque estou comodamente instalada, eu já pagava as coisas, continuo pagando e ele que se vire. Por enquanto não tenho outra pessoa, mas no momento que aparecer vou reconstruir a minha vida (suj.1).

Olha, eu estou bastante independente financeiramente. Emocionalmente ainda sou muito ligada aos meus pais. Eu optei por uma religião, eu sou mórmon, meu apego a Deus me dá uma força muito grande. Numa relação com outro homem, eu, no fundo, acho que não estou interessada. É legal, gostoso, mas daqui a pouco começa tudo de novo. Ah! eu não estou a fim (suj.2).

No momento estou sozinha, mas já vivi grandes paixões. Durante uma época, não senti falta de casamento. Não sei se ainda tenho saco. Mas queria ter uma relação estável, um parceiro sexual, um companheiro. Profissionalmente estou crescendo sempre (suj.4).

No momento, eu estou ótima em relação a este assunto, porque tem uma paz dentro de casa, uma paz com você mesmo, não tem ninguém te enchendo, entendeu? Só altera mesmo, pelo meu filho, que ele não dá a menor atenção e eu tenho que lidar com isso. Sem dúvida, eu acho que a melhor coisa que eu podia ter feito foi ter me separado. Meu problema, no momento é que perdi meu namorado, morto num assalto e estou me sentindo muito mal, muito só, tenho sofrido muito (suj.7)

Eu tive um outro relacionamento. Uma pessoa ótima, que inclusive meu filho adora, tem mais afinidade que com o pai, mas ele é estrangeiro, voltou para a terra dele e agente só se fala pelo telefone de vez em quando. Virou uma amizade. Eu não saio muito, saio mais com meu

filho, faço programas de criança. Trabalho muito, vivo cansada e não tenho ânimo para sair à noite, nem tem com quem (suj.5)

Com todos os problemas que um casamento tem, eu acho casamento ótimo. Eu acho ótimo compartilhar as pequenas coisas, entendeu? Depois da separação, eu fiz minhas primeiras viagens ao exterior. Eu sou arquiteta, gosto de arte, então isso foi uma coisa muito excitante pra mim. Eu precisei zerar o velocímetro. Começar uma coisa nova para marcar um reinício, né? Mas eu sinto falta, eu sinto muita falta. Mas eu não sinto falta nenhuma de uma situação tormentosa, né? Eu gostaria de encontrar um bom companheiro, agora se não for para encontrar um bom companheiro, eu prefiro não ter companheiro nenhum (suj.9).

As mulheres que estão vivendo um outro relacionamento pareceram estar mais satisfeitas com a vida atual.

A minha vida está mais tranqüila. Eu tenho os mesmos encargos que eu tinha antes, só que administro do jeito que quero, sem estresse e tenho uma vida afetiva muito mais tranqüila porque tenho um namorado que combina muito mais comigo. Tenho restaurantes, viagens, muito lazer com ele. Acho que em muitos pontos a minha vida está melhor (suj.6).

Com a separação, eu cresci muito, em todos os sentidos. Profissionalmente estou bem, e com um relacionamento amoroso muito bom, tentando evitar o que eu acho que no outro não era bom (suj.10).

Quando eu comecei outro relacionamento, comecei a dormir na mesma cama, foi estranho, mas eu estou bem. Isso pra mim é uma coisa resolvida. Eu sinto falta da amizade dele, dos papos, não da vida em comum, homem-mulher. Agora está bem melhor, inclusive, profissionalmente e financeiramente, também (suj.8).

A questão financeira é um aspecto relevante para todas as mulheres que falaram de sua separação conjugal. Algumas sentiram-se enganadas, como os sujeitos 2 e 5.

Eu confiei muito nele e entrei num cano federal. Não fiquei com nada. Tive que vender o apartamento que comprei em Curitiba contando com a pensão e não deu pra pagar, porque ele botou no papel a pensão irrealizável. Depois de um ano o que eu ganhava não dava pra comprar um chiclete. Eu entrei na justiça e ele não veio mais pegar os filhos, com raiva (suj.2).

É difícil. É nosso motivo de briga. Como ele é profissional liberal fica difícil saber quanto ele ganha, porque ele esconde. Eu ajudei na carreira dele, agora, não usufruo nada (suj.5).

Percebe-se que esta questão, permanece mal resolvida, na maioria dos casos.

O calo da minha relação com o O. é a questão financeira. Eu me dou com ele, mas por aí pega legal. Hoje em dia não sai mais porrada, porque eu liguei o

botão do dane-se, relaxei e seja o que Deus quiser. Eu que sustento a F. Ele dá pouquíssimo. Isso é uma coisa mal resolvida (suj.4).

Além dos problemas do dia a dia, tem os problemas financeiros, e para mim isso é importantíssimo. Se eu fico dura, fico histérica. Fizemos um acordo bom, mas ele está sempre reclamando, olhando a vida que eu tenho. Mas ele sempre foi um detonador, não é pão duro, mas reclama pra caramba (suj.6).

No começo ele queria controlar tudo o que eu fazia com o dinheiro da pensão das crianças, mas aos poucos ele foi vendo que eu não sou maluca e sossegou, mas ainda durante muito tempo jogou na minha cara o formal de partilha, dizendo que eu dei o golpe do baú. Se eu pedir qualquer coisa diferente do que está no papel, ele nega (suj.10)

Depois da separação, eu fiz faculdade, me formei e não preciso dele mais pra nada. Ele dá a pensão da minha filha, mas ela vai se formar no final do ano e vai acabar. No começo até comida pra fora eu fazia e minha filha vendia. Foi muito difícil (suj.3).

Observa-se que algumas das entrevistadas não passaram por mudanças financeiras significativas, como no caso dos sujeitos 1 e 7.

Teve um tempo que ele ficou desempregado e eu fiquei sustentando a casa sozinha. Ele quer que eu venda o apartamento, mas eu já falei que provo ao juiz, que se temos o imóvel foi porque eu paguei. Ele não tem dado nada. Eu já

pagava as coisas e continuo pagando. Ele que se dane (suj.1).

O lado financeiro não alterou em nada, como eu falei ele era uma pessoa muito acomodada e o lado financeiro sempre fui eu mesmo que segurei, batalhei, então não alterou (suj.7).

Esta análise dos resultados foi feita com o objetivo de tirarmos conclusões a respeito da vivência feminina do processo de separação conjugal. Estas consistirão no tema do próximo capítulo deste estudo.

6. CONCLUSÕES

Após a análise dos resultados, podemos concluir algumas particularidades das mulheres que vivem um processo de finalização da relação conjugal.

Em relação à escolha de parceiro, foi possível verificar como o mecanismo de idealização do objeto amado participa deste acontecimento. Num primeiro momento, o objeto de amor fica engrandecido, ou seja, durante o namoro e no período inicial da relação conjugal, os aspectos positivos da personalidade do parceiro tendem a ser supervalorizados e os aspectos negativos são negados ou minimizados. Quando há a desidealização, esta vai implicar, muitas vezes, numa decepção, que pode transformar os mesmos aspectos que motivaram a escolha daquele parceiro em razões motivadoras do rompimento conjugal.

Através da comparação feita entre os fatores alegados pelas entrevistadas, como aqueles que geraram a eleição do cônjuge e o motivo da separação, os dois momentos mostram uma oposição literal dos mesmos motivos. Observa-se, entretanto, que esta dinâmica ocorre sem que as mulheres tenham consciência dela. Algumas puderam fazer a associação enquanto estavam sendo entrevistadas, mas outras não conseguiram detectar nenhuma relação.

Mesmo assim, de acordo com seu discurso, as mulheres parecem ter feito suas escolhas conjugais pautadas em motivações inconscientes, tendo como referencial a ligação amorosa vivida com os primeiros objetos. Percebeu-se que alguns aspectos, tanto positivos quanto negativos, dos pais das mulheres entrevistadas, assemelhavam-se aos aspectos detectados na personalidade dos seus parceiros.

Nenhuma delas teve consciência deste movimento de resgate, no período em que realizou a escolha, mas algumas puderam, após determinado tempo de convivência com seus companheiros, fazer a associação entre as características da mãe e do pai com as características pessoais do parceiro.

Quanto à relação conjugal, todas as mulheres afirmaram ter sido boa no início e apenas duas mulheres mencionaram a questão da sexualidade em seus casamentos. Uma das entrevistadas apontou a incompatibilidade sexual como motivo para a separação e outra atribuiu ao bom entrosamento sexual sua escolha do parceiro. As outras entrevistadas não abordaram o tema.

Verifica-se, também, que o relacionamento estabelecido com o marido possibilitou a revivência de situações já experimentadas pela esposa, enquanto filha. Pode-se supor que a identificação feita pelas entrevistadas com traços da mãe ou do pai contribuiu para que isto ocorra. Em alguns momentos, o cônjuge ocupa o lugar de filho, em outros, o lugar de pai, criando-se, assim, um espaço para a revivência de eventos passados, no presente. Apesar disto, muitas dentre elas colocaram no marido

a necessidade de vê-las como mães ou filhas. Pode-se inferir, então, que seja um movimento recíproco, na dinâmica da conjugalidade.

Neste sentido, no que se refere ao desempenho dos papéis, no relacionamento conjugal, somente uma entrevistada, entre dez, relatou não tomar as iniciativas nas decisões familiares, ou seja, não ser mais ativa que o marido na relação. A maioria demonstrou um atividade explícita, pontuando, como justificativa para esta postura, o fato de os companheiros serem acomodados, pouco preocupados, ou irresponsáveis. Entretanto, seu discurso mostrou insatisfação com esta ocorrência, e o desejo de que o inverso acontecesse.

Através da análise das respostas dadas, foi possível observar o quanto as mulheres oscilam entre o lugar ativo e passivo, na relação conjugal, sublinhando as questões da feminilidade, inauguradas no período edipiano.

Segundo Freud (1931), por não querer reconhecer o fato de ser castrada, a mulher pode escolher, como opção, a identificação com o pai, ou com a mãe fálica, evitando uma forma passiva de satisfação. Desta forma, pode-se constatar que a atividade das mulheres, não sendo recalcada, lhes vai possibilitar, alternarem, no percurso de suas vidas, períodos essencialmente ativos com outros mais passivos, onde a feminilidade predomina.

No que se refere à iniciativa na separação, nove entre dez entrevistadas assumiram tê-la tomado. A única mulher, cujo marido tomou a iniciativa, colocou como justificativa o fato de ela ser muito autoritária, não conseguindo colocar-se como mulher na relação, provocando, desta forma, o afastamento do cônjuge. Isto quer dizer que, mesmo sem ter tomado a iniciativa da separação, reconhece tê-la provocado.

Nenhuma das respostas menciona arrependimento pela decisão de se separar, embora apareçam queixas com relação à dificuldade de ser separada, e o sentimento de solidão está muito presente para as que não têm um outro relacionamento estável.

Sentem-se, também, sobrecarregadas com os filhos e prejudicadas na questão financeira. No entanto, a guarda dos filhos não foi questionada em nenhum caso, embora a ausência dos pais, em relação aos problemas destes, tenha sido colocada, pela maioria, como dificuldade.

É importante acrescentar, mesmo assim, que não foi percebido, na entrevista, nenhum movimento das mulheres no sentido de incentivarem a aproximação dos filhos com os pais. Pelo contrário, parece haver uma certa cumplicidade, entre mãe e filhos, em relação à ausência do pai, ambos como vítimas. A mãe, pela sobrecarga, e o filho, pelo abandono, dentro de uma queixa conformada. Talvez nesta situação esteja implicada a obtenção de um ganho secundário para ambos, através do vínculo afetivo mais intenso.

Segundo as mães, a reação dos filhos, na maioria das vezes, foi negativa. Algumas crianças apresentaram mais sintomas enquanto a situação não se definia, outras, quando a separação se concretizou, e outras, ainda, quando os pais estabeleceram novas ligações amorosas. Apenas um relato mostrou uma mudança de comportamento positiva, no que se refere aos filhos, após a separação haver-se consumado. Como este caso envolve alcoolismo, pode-se supor que este problema tenha sido percebido pela adolescente como mais doloroso que a separação dos pais, de acordo com o contexto revelado na entrevista e mencionado na análise dos dados.

Embora a reação negativa dos filhos seja um fator presente na quase totalidade dos casos, e mobilize muito as mães, não apareceu, no discurso das entrevistadas, sentimento de culpa, apesar de terem tomado a decisão de se separar. Não foi cogitada a mudança de atitude por causa dos filhos. Este fato nos leva a levantar a hipótese de que a reação dos filhos só é vista como impedimento até que a decisão seja tomada. Baseamo-nos na clínica, onde é freqüente verificar-se a preocupação com os filhos, como justificativa para o adiamento da separação conjugal.

Após a separação, no entanto, os cuidados com os filhos são intensos e várias entrevistadas procuraram ajuda psicoterápica para eles. Mas a justificativa da busca de terapia, geralmente, vem encoberta e explicada pela ausência dos pais.

A reação da família foi, na maioria dos casos, comentada como muito importante para a vivência do processo. Duas mulheres, que verbalizaram ter

completa independência da família, desde antes do casamento, não relataram a necessidade do apoio familiar, nesse momento. Todas as outras foram buscar na família o ponto de apoio.

Verificou-se que as mães apóiam menos suas filhas do que os pais. Estes tornam-se defensores, protetores e alguns tornaram-se inimigos do genro. Algumas mulheres queixaram-se do fato de as mães tomarem partido do "outro lado" e tenderem a cobrar de suas filhas a postura mais adequada para uma mãe, baseadas no sofrimento dos netos e na preocupação com a repercussão do caso no círculo social.

Algumas entrevistadas identificaram nas mães um sentimento de inveja, uma vez que não foram capazes de dar o mesmo destino à sua relação conjugal. No que concerne aos pais, mencionaram uma expectativa, neles, de obterem o controle da situação, retornando a uma relação de autoridade, antes exercida.

Observamos que algumas mulheres, ao se separarem, passam por um período regressivo; com isso, os pais podem tender a negar o amadurecimento das filhas, colocando-as no lugar de crianças, semelhante ao lugar ocupado pelos netos

Analisando a reação dos amigos, percebe-se que há uma inclinação maior, destes, de apoiarem individualmente um dos cônjuges, elegendo um, ou a se afastarem dos dois. Principalmente quando se sentem mobilizados pela separação do casal.

Alguns aconselham, outros tentam reverter a situação, outros não questionam, mas, segundo a maioria das respostas dadas, as amizades estabelecidas no período conjugal não permanecem intensas, como eram, após a separação.

Apesar de a interferência dos amigos existir, não é significativa para a mudança de decisão. Percebe-se, no entanto, que aparece o sentimento de perda, pelo afastamento dos amigos, e de ressentimento, quando há opção pelo "outro lado."

Verifica-se que, mesmo depois de vários anos de casadas, algumas mulheres relatam não ter feito amizades em comum com os maridos, mantendo a vida social atrelada a amigos de profissão ou individualizada.

Sem exceção, para todas, o período de vivência da separação foi doloroso. O longo tempo de duração do processo, as perdas materiais, doenças, brigas constantes e muita tensão foram os aspectos mais ressaltados. A culpa e a preocupação com o outro, também, foram sentimentos bastante sinalizados. Os mecanismos de defesa, como deslocamento, negação, projeção e isolamento afetivo foram usados com frequência para possibilitar a administração da situação, vista como muito difícil de ser vivida. Apesar do sofrimento, sentimentos de alívio foram revelados.

Para todas as mulheres, foi necessário um período de adaptação, até poderem constatar que, após a separação, ficaram mais produtivas e mais tranquilas.

A maioria relatou ter crescido profissionalmente, embora algumas ainda contem com a ajuda financeira da família, principalmente as que não se desvincularam totalmente da dependência familiar, mesmo quando estavam casadas.

É importante ressaltar que as mulheres apontam como diferença, entre a vivência do homem e a da mulher, na separação, o fato de eles ficarem mais livres, sem os filhos, e a maior facilidade em reconstruir a vida amorosa e sexual. Segundo as entrevistadas, os homens são mais dependentes que as mulheres e necessitam, mais do que elas, de uma vida doméstica estruturada, para se sentirem mais seguros. Por isso, não permanecem sozinhos.

Quanto à questão financeira, particularmente no que se refere à pensão alimentícia, dada pelos homens para os filhos, é um dos assuntos que mais mobilizam as mulheres e que vai dar continuidade às discussões e negociações, apesar da separação. Em poucos casos, os acordos estabelecidos judicialmente satisfizeram e, além disso, parece haver uma função para esta questão, que seria possibilitar a canalização de sentimentos, gerados por situações mal resolvidas no relacionamento conjugal. O dinheiro torna-se o meio pelo qual se mantêm as discórdias, as cobranças, a competição e o controle.

Através deste estudo, foi possível uma maior aproximação com o universo feminino. Pudemos aprofundar o conhecimento sobre a mulher no que diz respeito à sua vivência da separação conjugal, uma vez que foram ressaltadas características, próprias da dinâmica feminina, em relação ao casamento e ao seu

término. Nossa expectativa com o desenvolvimento desta pesquisa é que estejamos contribuindo para uma melhor compreensão da dinâmica feminina no processo de separação conjugal e para que o atendimento clínico às mulheres, que vivenciam este processo, possa ser mais consistente e eficaz em seus propósitos.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDRÉ, Serge - *O Que Quer Uma Mulher?* Jorge Zahar Ed., R J- 1987.
2. ALMEIDA, Angela Mendes de - "Notas sobre a família no Brasil". In: Almeida Angela M. de (org.), *Pensando a família no Brasil da colônia à modernidade*. Ed. Espaço e Tempo, R J - 1987.
3. ANTON, Iara Camaratta - *A Escolha do Cônjuge - motivações inconscientes*. Sagra, DC Luzatto Ed., R S -1991.
4. BADINTER, Elizabeth - *Um amor Conquistado - o mito do amor materno*. Ed. Nova Fronteira, RJ - 1980.
5. BEAUVOIR, Simone de (1949) - *O Segundo Sexo*, Vol.1, Fatos e Mitos, Ed. Nova Fronteira, RJ - 1980.
6. BOONS, Marie Claire - "Da sedução entre os homens e as mulheres: uma abordagem lacaniana". In: Da Poian C. (Org.) *Homem-Mulher abordagens sociais e psicanalíticas*. Livraria Taurus Ed., RJ - 1987.

7. BRITO, Leila M. T. de - *Se-pa-ran-do, um estudo sobre a atuação do psicólogo nas varas de família*. Relume-Dumará, RJ - 1993.
8. DA POIAN, Carmen - "Homem-Mulher, encontro possível?". In: Da Poian C. (org.) *Homem-Mulher abordagens sociais e psicanalíticas*. Livraria Taurus Ed., RJ - 1987.
9. DIAS, Monica de V. - *Casamento e Coabitação: Imaginário e Cotidiano*, Dissertação de Mestrado, PUC-RJ - 1995.
10. DOLTO, Françoise (1982) - *Sexualidade Feminina*. Livraria Martins Fontes, Ed., SP - 1989.
11. EIGUER, Alberto - *Um Divã Para a Família - do modelo grupal a familiar*. Artes Médicas, RJ - 1985.
12. FOUCAULT, Michel - *História da Sexualidade*, Vol. 2, O Uso dos Prazeres. Edições Graal, RJ - 1984.
13. FREUD, Sigmund (1905) - *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. ESB. Vol. VII, Imago Ed., RJ - 1969.

14. FREUD, Sigmund (1910) - *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens (Contribuição à Psicologia do Amor I)*. ESB. Vol.XI, Imago Ed., RJ - 1969.
15. FREUD, Sigmund (1912) - *Sobre a tendência Universal à Depreciação na Esfera do amor (Contribuição à Psicologia do Amor II)*. ESB, Vol XI, Imago Ed., RJ - 1969.
16. FREUD, Sigmund (1914) - *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. ESB. Vol.XIV, Imago Ed., RJ - 1969.
17. FREUD, Sigmund (1920) - *A Psicogênese de Um Caso de Homossexualismo numa Mulher*. ESB. Vol.XVIII, Imago ED., RJ - 1969.
18. FREUD, Sigmund (1923) - *A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade*. ESB. Vol. XIX, Imago Ed., RJ - 1989.
19. FREUD, Sigmund (1925) - *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica*. ESB Vol. XIX, Imago Ed., RJ -1969.
20. FREUD, Sigmund (1927) - *Fetichismo*. ESB. Vol. XXI, Imago Ed, RJ -1969.

21. FREUD, Sigmund (1931) - *Sexualidade Feminina*. ESB. Vol. XXI, Imago Ed, RJ-1969.
22. FREUD, Sigmund (1933[1932]) - *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conferência XXXIII - Feminilidade*. ESB Vol. XXII, Imago Ed., RJ - 1969.
23. GARCIA, Claudia Amorim - "Ilusão e Família. Uma discussão sobre o ideal do ego". In: Vilhena J. de (org.) *Escutando a Família. Uma abordagem psicanalítica*. Relume - Dumará, RJ- 1991.
24. GAY, Peter - *Freud, uma Vida para o nosso Tempo*. Companhia das Letras, RJ-1989.
25. GIUSTI, Edoardo (1984) - *A Arte de Separar-se*. Ed. Nova Fronteira, RJ - 1987.
26. GOLDENBERG, Miriam - *Ser Homem, Ser Mulher: dentro e fora do casamento*. Ed. Revan, RJ - 1991.
27. GUTIÉRREZ, Rachel - "Modelos de Relação - Os Papéis Sociais" In: *Homem Mulher. Uma Relação em Mudança*. Ed. CCBB, RJ - 1994.

28. JABLONSKI, Bernardo - *Até Que a Vida Nos Separe. A crise do casamento contemporâneo*. Agir, RJ - 1991.
29. LACAN, Jacques - *Escritos*. Sigilo Veintiuno Ed., México - 1985.
30. LAMANNO, Vera L.C. - *Relacionamento Conjugal. Uma abordagem Psicanalítica*. Summus Ed., SP - 1990.
31. LAPLANCHE, Jean/Pontalis, J.B.(1967) - *Vocabulário de Psicanálise*. Livraria Martins Fontes, SP - 1986.
32. MAINGUENEAR, D. - *Nouvelles tendentes en analyse du discours*. Hachette, Paris, 1987.
33. MALDONADO, Maria T. - *Casamento Término e Reconstrução*. Ed. Vozes, RJ-1986.
34. MILLOT, Catherine - *Nobodaddy. A histeria no século*. Jorge Zahar Ed., RJ-1988.
35. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria - *Sujeito e Cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social*. Ed., Campus, RJ - 1987.

36. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria - "Questões Metodológicas sobre Análise de Discurso". Trabalho apresentado na 40a Reunião Anual da SBPC, 1988.
37. PERROT, Michelle - "O Nó e o Ninho". Revista Veja 25 anos. Reflexões para o Futuro. Ed. Abril, SP - 1993.
38. PINCUS L. e DARE C. - *Psicodinâmica da Família*. Artes Médicas, RS -1981.
39. SHIFFRIN, D. - *Discourse Makers*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.
40. SCHVINGER, Amaryllis - "Ser Homem/ Ser Mulher. Uma questão de identidade". In: Albornoz C. e Kühner M. H. (org.) *Homem mulher. Uma relação em mudança*. Ed. CCBB, RJ - 1994.
41. VILHENA, Junia de - "Viver Junto nos Mata. Separarmo-nos é Mortal. A ilusão grupal e a incapacidade de ficar só." In: Vilhena J. de (org.) *Escutando a Família. Uma Abordagem Psicanalítica*. Relume-Dumará, RJ - 1991.
42. VIORST, Judith - *Perdas Necessárias*. Melhoramentos, SP - 1988.

43. WILLI, J. - *La Pareja Humana: Relación y Conflicto*. Ediciones Morata, Madrid,

1978.

ANEXO**ENTREVISTA**

- Sujeito 2

Idade: 40 anos

Casamento: 7 anos

Separação: 5 anos

Filhos: 2

Profissão: Professora e Tradutora

1. Você namorou muito tempo antes de casar?

- Seis meses. Entre conhecimento e casamento foram 6 meses. Namorei pouco tempo.

2. Tem características dele que tenham contribuído para que você se sentisse atraída por ele?

- Tem, tem sim, inclusive fisicamente era tudo que eu não queria. Baixinho, magrinho, mais baixo que eu. Então, ele é inglês e eu o conheci numa companhia aonde eu estava trabalhando como secretária. Ele veio da Inglaterra para fazer uma auditoria, nessa firma e descobriu-se que o diretor de quem eu era secretária estava roubando, então o diretor foi afastado e ele assumiu o cargo e eu fiquei como

secretária dele, então uma das coisas que me chamou atenção foi a maneira como ele tratava as pessoas, a delicadeza, o modo de *Gentleman* inglês, mesmo. Eu fiquei deslumbrada com o jeito dele e fiquei apaixonadíssima. Casamos, resolvemos ficar aqui, essa firma fechou e resolvemos pensar se ficávamos aqui ou não, porque ele sempre teve muita dificuldade em aprender o português, com a língua. Mas eu não queria morar lá. Eu gosto de lá para passear, passei lá 10 meses, quase um ano, mas não me sentia bem, sabe, morar... a atmosfera é muito diferente da nossa, né? Eu sou muito apegada a minha família então fiquei doida pra voltar e ele também, ele adorou o Brasil, tanto que ele ficou aqui. Mesmo depois de separado, agora é que 6 meses atrás ele voltou para a Inglaterra com a nova mulher dele. Não sei se ele vai ficar ou não.

3. Você tem filhos?

- Tenho um casal.

4. Como era seu casamento?

- Olha, é tão difícil de falar, ele era 2 pessoas. Quando ele bebia e quando ele não bebia, e foi isso que nos separou. Antes da gente casar ele bebia e ficava muito engraçado, muito bem humorado. Depois, ele não queria casar, queria morar junto, não sei que lá. E eu disse: então nada feito, porque eu quero casar. Decidi isso na minha vida! Um dia eu ia casar, para ter minha família, meus filhos e coisa e tal. Aí, ele diz que num extremo ato de fraqueza ele se casou. Então, depois quando a

gente veio a se conhecer melhor, ele tinha mil problemas com a mãe, com relacionamento, sabe assim, problemas seríssimos. A mãe abandonou, ele ficou num orfanato 3 anos, jogado, sem nada, até que ele foi apanhado por uma mulher que casou com o pai dele, que morreu de pena e pegou ele e as duas irmãs lá, então ele tem um problema seríssimo e aquilo ele começou a voltar-se contra mim, então, quando ele bebia ele começou a me agredir. Primeiro com palavras, depois fisicamente. Sempre que bebia. Quando ele não bebia, era uma flor de pessoa, uma maravilha, uma companhia excelente. Uma pessoa daquele tipo que quer ver os outros contentes e tira a roupa do corpo se for preciso para dar e sempre todo mundo gosta dele. Todo mundo!

5. Mas ele bebia com frequência?

- Todo dia. Ele começou a beber cada vez com mais frequência. Primeiro começava às 8 da noite, depois passou a começar às 5 da tarde e depois às 11 da manhã. Só não bebia quando dormia. Foi difícil, difícilimo. Foram dois anos, dois últimos anos do nosso casamento. Porque inclusive eu estava grávida de 6 meses da minha filha, eu decidi que ia separar. Eu pensava: Eu não agüento mais. Eu olhava assim... Nós estávamos almoçando com amigos e ele dando um escândalo na mesa. E todo mundo relevando, mas eu não agüentava mais relevar aquilo. Eu estava no fim das minhas forças. Não, acabou. Mas ainda levei dois anos para ir saindo devagarinho. Sabe? Eu não sei como eu tive paciência.

6. Então, você que tomou a iniciativa?

- Foi, ele não queria. "Não, você está brincando comigo". "Isso é conversa", não sei que lá. Eu dizia: "Não é nós precisamos conversar a respeito, sabe?" Nessa época nós morávamos num sítio porque meu filho mais velho era muito doentinho. Com negócio de asma. Tivemos que nos mudar. Fui morar com ele lá num sítio nas Agulhas Negras. Então, ele trabalhava e ia final de semana. Todo final de semana eu conversava com ele, tentando coisa e tal, até que ele viu que o papo era sério, começou a beber mais ainda. Tanto que quando eu separei, no dia que eu separei nós viemos ao Rio, assinamos os papéis, eu fui para lá, fiz a minha mala, fiz a mudança, chamei um caminhão, peguei as crianças, o que eu tinha de meu e fui pra Curitiba. Porque eu não quis nem ficar por aqui. Eu tinha amigos lá, já tinha ido uns meses antes, de férias, já tinha preparado o meu terreno sabe? Emprego, essas coisas todas. E fui embora pra lá. Mas nem a minha família sabia direito. Eu fui assim, não falei nada. Quando o juiz assinou eu fui embora.

7. Durante a relação quem tomava as iniciativas?

- Eu sempre tomei mais iniciativas do que ele. Ele era muito descansado. Pra ele a vida é uma festa, entendeu? Tem festa? Ótimo. Inclusive nós passamos maus momentos. quando eu estava grávida do primeiro filho, a companhia fechou. Nós fomos para a Inglaterra, e depois resolvemos ficar aqui no Brasil, nós viemos pra cá e ele veio com uma promessa de emprego que não deu certo. E eu, quando vim da Inglaterra, eu vi que estava grávida dele, então, ficamos, ele ficou nove meses

desempregado. Toda a minha gestação desempregado. Faltavam dez dias pra eu, pra ele nascer, aí é que ele conseguiu emprego, num curso de inglês, mas não era bem com o que ele fazia. Ele trabalhando como contador, ele tinha gabarito para mais, mas era pra gente pegar o plano de saúde, aí eu podia ter pela Golden Cross. A gente estava num sufoco danado. E nós saímos da Avenida Rui Barbosa, com chofer, com carro, com tudo. Então, o nosso padrão de vida também teve uma mudança muito grande. Aí, ele vendeu a casa da Inglaterra e compramos esse sítio. Então, nós tínhamos um padrão excelente e de repente em nove meses o padrão mingou. Aí, eu dizia assim: - "B. vai, eu olhava o jornal, vamos lá". "Não, fulano disse que vai me arrumar um emprego... O sicrano vai me ajudar", e eu ficava esperando. Aí quando chegou no último mês eu disse: - "Olha, eu não vou ter filho no INPS, heim! Me recuso". Aí ele resolveu aceitar esse do Brasas e ficar lá.

8. Se você tivesse que falar um motivo pra separação? Qual seria?

- Foi também a bebida. Foi a bebida. Porque eu até bem pouco tempo... eu ainda... Ele mexia muito comigo. Se eu o via.

9. Você separou gostando dele?

- Eu acho que sim. Na época eu estava tão cansada, tão desgastada que eu senti aquele alívio, que eu não pensei que gostasse dele. O alívio foi tanto que eu disse: - "Ai que bom eu não gostar dele, já acabou nesses dois anos que eu fiquei

trabalhando ele pra separação, então..." Mas depois que a poeira abaixou, depois de 2 anos, sabe, o coração doeu. Ele vinha buscar as crianças, na hora que eu o via, sabe aquela coisa de namorado? Eu me arrumava toda, sabe? E batia mesmo. Depois não, depois foi serenando, foi passando e eu também fui pensando: "Não tem jeito, não é isso que eu quero, não voltaria nunca". Até se eu achasse que eu queria tentar de novo, eu ia até atrás. Mas eu pesei, pensei e não. Eu já estava em outro esquema de vida, com mil trabalhos, já tinha saído daquela de ficar só em casa com as crianças. Mas eu acho que separei gostando sim. Na época eu não sabia, mas eu gostava muito dele. Eu estava era exaurida de brigar com tudo, com a vida, de segurar tudo, de ter que calar a boca. E ele, passou a me agredir, quando eu engravidei dele. Porque foi logo depois que nós casamos que ele começou a me agredir. Com empurrão, quebrou meu nariz, bati numa quina da mesa, e várias coisas assim. Mas quando eu vi que estava grávida e uma vez ele me bateu, eu peguei um soquete de carne e acabei com ele. Ele levou não sei quantos pontos. E eu falei: "A próxima vez que você me encostar a mão, eu te mato, portanto, nunca mais. Você pode beber, fazer o que você quiser, agora nunca mais me encoste a mão". Eu falei no hospital, ele sendo costurado. Aí o médico me olhou e eu falei: - "Fui eu mesma que fiz isso, sabe?" Naquele dia eu estava com um espírito. Meu pai falou que eu não devia ter dito porque podia dar o maior rolo (risos). Porque quando eu reagi ele se assustou e aí nunca mais ele me encostou a mão. Nunca mais ele me bateu. Mas eu tive que tascar-lhe o soquete, amaciante de carne (risos) pra ... e depois lá no sítio eu pendurava o soquete na minha porta. Me trancava no

quarto, ele passava, via e ia pra outro quarto. Quando eu via que ele estava bebendo muito, era tipo assim, sinal. Eu tentei psicólogo, tentei que ele conversasse com alguém, tentei religião, tentei todos os meios, mas ele não queria nem papo. Ele dizia "Eu não bebo, você é doida, eu bebo socialmente. Eu faço aquilo porque eu tenho muito ciúme de você, às vezes eu fico imaginando você deve ter tido outros homens". E eu dizia - "Mas que besteira, você também deve ter tido outras mulheres, qual é? Vamos ficar cobrando a vida inteira um do outro?" Mas ele tinha esse negócio. Mostrava esse lado dele. Quando eu fui a Inglaterra tentei conversar com a irmã dele, ver como tinha sido, realmente, e ela falou que foi uma coisa muito dolorida pros três, e morar com a madrasta também não foi fácil, o pai era muito violento, então, foi nessa hora que eu tentei entender, tentei vê se reclamava um pouco, se ele fazia tratamento, religião, mas não teve jeito.

10. E quando você separou como foi a reação dos teus filhos?

- O D. não mostra muito os sentimentos a minha filha com 2 anos já mostrava todos os sentimentos, desde pequenininha. Ela com raiva batia pé, se jogava no chão. O outro sempre foi muito responsável, ponderado, muito contido. O que eu me lembro mais, foi uma vez quando eu estava em Curitiba ele foi lá ver as crianças, aí ele foi de manhã, passar o dia, fomos a um restaurante, conversamos e na hora de ir embora, eu estava preocupada com ela, porque ela passou o dia fazendo carinho nele e quando o levei na rodoviária, ela, no meu colo: - "Tchau papai,

tchau papai" (faz gesto), e ele: "Tchau pai" (mais sério). O ônibus partiu e no carro, ele virou e falou: - "Você não comprou aquele caminhão pra mim, eu estou zangado e danou a chorar. Na hora eu pensei: - "Que caminhão, que eu prometi?" E ele continuou chorando, aí me deu um estalo e eu falei que ele não estava chorando por causa do caminhão, estava chorando porque o pai foi embora. Porque eu sempre, desde pequenininho era assim. Escreveu não leu, pau comeu. A coisa é assim e não tem outro jeito. Então é por causa disso e não se pode fazer nada. Seu pai vai voltar outra vez, você vai ao Rio, vai ao sítio. Ele sentia falta do sítio, onde passou a fase dourada da vida dele. Ele ficou num hospital durante um ano e passou o tempo do sítio, de pé no chão, subindo montanha, atrás de galinha, e isso estava associado ao pai. Eu acho que ele sentiu mais. Mais tarde, quando a menina foi para escola começou a dizer assim: - "Todo mundo tem pai, eu também quero um pai. Você desce aqui hoje, vai lá embaixo buscar um pai pra mim". Aí os dois foram para um psicólogo.

11. O pai é presente?

- Não, super ausente. Houve uma época que ele veio durante 6 meses a cada 15 dias foi o máximo. Vinha, faziam um lanche e ele trazia de volta. Depois quando eu estava acertando a pensão, porque eu confiei muito nele e entrei num cano excepcional. Não fiquei com nada. Tive que vender o apartamento que comprei em Curitiba contando com a pensão das crianças e não deu para pagar porque ele botou que a pensão era irrealizável no papel. Pra você ter uma idéia, era um valor

ótimo, só que um ano depois acabou. Pra você ter uma idéia, quando eu recebia não dava pra comprar um chiclete, e ele depositava o dinheiro no banco e quando ele viu que eu entrei na justiça para pedir revisão de pensão, nunca mais veio ver as crianças. Como ele foi para Inglaterra, eles escreveram um cartão, ele escreveu uma carta... Mas é uma pena, para as crianças, é dureza. Mas eles já lidam mais ou menos com isso. Pra mulher é muito mais difícil. Ele casou outra vez com uma mulher mais velha que ele. Encontrou a mãezona que ele queria. Com as crianças eu arco com tudo.

12. E a sua família reagiu como?

- Péssimo, né? Inclusive eu senti muito falta do apoio deles, nessa hora legal, porque eu não entendia nada de termos legais, estava totalmente por fora. O meu pai fingiu que não estava acontecendo, eu falava ele desconversava assim, direto. A minha mãe dizia assim: - "Isso é passageiro, passa logo. Está tudo bem". Eu dizia: - "Mãe não está tudo bem. Está tudo mal. Eu nunca mais quero ficar de novo junto". - "Mas todo casamento tem isso, você não vê tua tia, ficou 5 anos separada e voltou com o marido". Eu digo: - "Por isso está cheia de câncer". Aí, ela dizia: - "Mas é assim mesmo, casamento é isso mesmo". Mas casamento não pode ser isso. Eles custaram a aceitar. Ainda mais porque eu ia para Curitiba e ao mesmo tempo eles ficaram naquela... Porque eu sempre fui muito policiada. Na minha adolescência tinha hora para chegar. Eu saí de casa mais tarde, fui morar com uma amiga porque não agüentava mais. Então, eles acharam que eu fosse

voltar, estavam preparando quarto, e eu disse que ia pra Curitiba. Tenho um primo lá, emprego, aí eles ficaram em choque dois, três meses até que viram que eu ia ficar mesmo e aí começaram a ajudar. Depois eles colaboraram o máximo.

13. A sua mãe como é como pessoa?

- A minha mãe é uma pessoa que eu nunca vi de combinação. Ela, quando eu fiquei menstruada e mostrei a calcinha, ela falou: - "Você já sabe o que é isso". Eu tive que ir pra escola, falar com a coordenadora e ela me explicou o que eu tinha que comprar. É uma pessoa extremamente envergonhada, em termos de sexo, então é tudo um tabu, um horror. Eu me lembro que uma vez, eu casada, falei: - "Esse cara bebe, depois quer trepar comigo". Eu estava de saco cheio, porque essa era uma palavra que eu nem usava com ela, porque ela ficava chocadíssima. Aí, eu me lembro dela dizendo assim: - "Mas isso é assim, você trepa logo, pronto, que acaba rápido". É a idéia que ela tem de sexo, é assim. Agora em casa é assim. Ela é tremendamente empreendedora, é uma mulher de negócios. Não se fez porque o marido é mineiro e mulher não podia trabalhar fora. Mas tudo que o meu pai tem, comprou por causa dela. Ela ia ver o apartamento, ela que economizava, incentivava, e sempre foi muito apegada a família.

14. E a tua relação com ela?

- Atualmente é ótima. Eu digo o que eu penso, eu digo o que eu acho, coisa que a gente não tinha. Ela vem prá cá. Já tá entrando naquela idade que briga por umas

coisinhas, implica com outras. Tem que ter um pouco de paciência. Mas ela é ótima, ajuda e adora as crianças. É aquela avó que as crianças adoram.

15. E seu pai?

- Meu pai é aquele sujeito dominador, caladão. Que chegava, nunca bateu, mas bastava olhar que a gente desmontava. Nunca encostou a mão, nem em mim, nem em meu irmão, mas a gente tinha pavor, medo dele. Ele viajava muito e a gente ficava assim para mamãe: - "Mamãe quando o paizinho volta?" Ele chegava e no dia seguinte: - "Mãe quando paizinho vai viajar de novo?" (risos)

16. E a tua relação com ele?

- Ao mesmo tempo ele é um cara que tem um coração assim, sabe, enorme. Chora à toa, é emotivo, ele faz muito um jeito de durão e eu custei a entender. É que hoje em dia ele não tira mais casquinha comigo não. De vez em quando a gente briga, discute, minutos depois está tudo bem. Hoje em dia eles são ótimos, me ajudam muito. O apartamento aqui é deles, eu moro. Perguntam se eu preciso de alguma coisa. E eu também procuro fazer o que eu posso, então, hoje em dia o relacionamento é muito bom. Foi muito difícil na minha adolescência. Meu pai foi um carrasco. Hoje, até falo com ele sobre isso. E ele diz que queria ser um bom pai, não queria ser um pai bonzinho. Mas ele extrapolou. Não me deixava ir a festa e eu gostava de dançar, só podia escolher uma festa por mês. Essa minha libertação deles, se deu depois da separação. Porque mesmo casada eu lembro da

minha mãe lá no sítio, dizendo: - "Não sei como você pode morar nesse deserto. Não tem luz, não tem água..." E eu dizia: - "Mãe, mas eu gosto" e ela dizia: - "Você não pode gostar". Quando ela dizia isso, eu ficava pensando: - "Será que eu gosto, ou será que estou me enganando?" Eles sempre mexeram muito comigo. Foram oito anos de análise até que eu elaborei uma série de coisas, aparei uma arestas... Hoje em dia eu vejo que adorava aquele sítio, era a melhor vida do mundo. Uma delícia. Se eu pudesse, voltava pra lá e não voltava nunca mais prá cá.

17. E vocês tinham amigos comuns?

- Não, ele detestava meus amigos. Ele morria de ciúme porque sempre aliava ao passado, então, quando ele via dizia: - "Aquela menina, você ia pra boate com ela". Umas loucuras! - "Vocês pegavam muitos homens?" No princípio eu dizia não. No final eu dizia. - "Muito, pegava bastante". Eu nunca, nós nunca podemos ter amigos comuns. Umas duas ou três pessoas do escritório que nós fizemos amizade ao mesmo tempo, que freqüentavam a nossa casa e nós mantivemos. Os amigos dele eu queria receber, quando fui a Inglaterra tentei conviver, mas todos bebiam muito. Eu não gosto de bebida, eu nunca bebi. E no princípio era ótimo, de repente todo mundo bêbado falando um monte de bobeira, aí eu ia embora pegava um táxi e ia embora, ele ficava até de madrugada. Então, foi difícil. Não tínhamos amigos comuns.

18. Como você viveu o processo de separação?

- É o que eu te disse. Eu com seis meses de gravidez, grávida da V., eu resolvi que ia me separar, então, eu acho que fui fazendo a minha cabeça no sentido de que era inevitável. Eu associei muito com outro fato. Eu aos 23 anos era noiva, estava com casamento marcado e o meu noivo suicidou-se dez dias antes do casamento, então, foi alguma coisa que de repente eu aliei ao inevitável. Então eu digo: - "Já morreu". Engraçado que um era francês e o outro inglês. Então, era uma coisa inevitável, não casei com ele, não pude casar e meu casamento com B não podia continuar também. Eu me lembro de raciocinar muito assim. Então, de uma certa forma, eu sou uma pessoa, não sei bem porque, apesar de uns pedaços que andei passando, eu sempre fui muito otimista eu sempre achei que a minha vida ia dar certo. Em adolescente eu pensava: - "Vou casar, ser professora, vou ter uma porção de filhos, vou ser feliz por resto da vida". Eu sei que custei muito pra casar, mas eu sempre dizia: - "No final vai dar certo". Então, as coisas foram mudando à medida em que o tempo foi passando. No final, o casamento podia ou não dar certo, mas era uma seqüência e eu queria passar por todas as experiências, experimentar de tudo. Eu achava que no final a coisa ia dar certo. Então, eu não sei te dizer exatamente como, eu estava meio assim, cansada daquele processo todo, aqueles três anos infernais que foram os últimos anos, com um menino que vivia no hospital. Então eu vi ele morto dois ou três vezes, com extrema unção e tudo. Então, eu sempre disse que ia dar certo. E de certa forma isso era uma espécie de

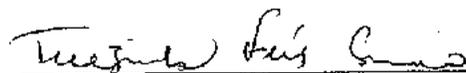
anestesia porque eu pensava que. - "Não foi agora, mas mais na frente vai dar certo". Aquela coisa dolorosa de separar eu não senti.

19. E como está sua vida agora?

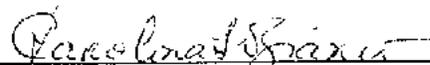
- Olha, eu sou uma pessoa bastante independente. Financeiramente eu ainda preciso da ajuda dos meus pais, do apartamento, pra viver bem. Se eu quisesse viver completamente independente até que podia, mas está bom pra mim aqui. Emocionalmente, eu sinto que ainda sou muito ligada a eles, aos meus pais, a minha família, aos tios, primos. Me emociona a família toda junta. Eu optei também por uma religião, que eu custei muito, passei a vida inteira... eu sou Mormam, foi outra opção que eu fiz também. Eu, de repente, de repente não, eu venho optando a minha vida inteira, por casar, por ter os filhos, por separar, e a religião foi quando as crianças nasceram. Foi muito bom eu ter uma base religiosa, meu apego com Deus me dá uma força muito grande para vencer seja lá o que for. Emocionalmente, numa relação com um homem eu no fundo acho que não estou muito interessada não, sabe? Além disso se eu fosse, eu teria que me casar de novo, não teria um relacionamento sexual aberto, amizade colorida. Se algum dia eu optar, vai ser de novo um casamento ou não será. Porque eu optei por seguir os mandamentos e eu me sinto bem assim. Eu realmente me sinto bem porque, durante muito tempo, na adolescência, eu me lembro que eu tinha muito medo, medo do meu pai, eu era muito indecisa, tinha medo do futuro, medo do professor, eu tinha que ser a melhor na classe, por professor não brigar comigo, tinha que ser

a melhor pianista, se não o público ia me vaiar, coisas assim que eu tinha na cabeça medos horríveis. Eu tinha um queixo muito grande, batalhei até que operei com Pitanguy a preço de banana. Tinha medo de me mostrar, e à medida que fui vivendo e com ajuda do terapeuta também, eu acho que eu decidi escolher por mim. Então hoje em dia me sinto ótima. Tem dias que você está vendo um filme na televisão aí pensa: "Ah, tão bom se tivesse uma mão no meu ombro, né?" Legal, gostoso, aí daqui a pouco a mãe do meu ombro ia dizer assim: - "Lava uma camisinha pra mim? (risos) Faz um cafezinho". Ah, eu não estou afim de levantar daqui. Então eu fico nessa divisão. Mas estou bem. Podia estar melhor, com dinheiro pra viajar ou ter um carro. Mas quem sabe um dia acontece.

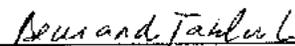
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Aída Maria Soares de Miranda Carvalho intitulada " *A vivência feminina da separação conjugal*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profª. Terezinha Féres Carneiro
Orientadora - PUC-Rio



Profª. Anna Carolina Lo Bianco
UFRJ



Prof. Bernardo Jablonski
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 10/3/97



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do
Centro de Teologia e Ciências Humanas